

CAMINHAR COM



ABRAÃO



PROPOSTAS DE APROFUNDAMENTO E VIVÊNCIAS
Ano Escutista 2014-2015



CAMINHAR COM ABRAÃO

PROPOSTAS DE APROFUNDAMENTO E VIVÊNCIA

Ano Escutista 2014-2015



Ficha Técnica:

Título: CAMINHAR COM ABRAÃO - PROPOSTAS DE APROFUNDAMENTO E VIVÊNCIA

Autor: Assistência Nacional e Secretaria Nacional Pedagógica

Grafismo: António Laranjeira

Imagens: LASTMAN, Pieter Pietersz. - The Hermitage, St. Petersburg; STOM, Matthias - Staatliche Museen, Berlin; CARAVAGGIO - Galleria degli Uffizi, Florence; EECKHOUT, Gerbrand van den - The Hermitage, St. Petersburg; Jan Lievens Herzog - Anton Ulrich Museum; Peter Paul Rubens -The Hermitage, St. Petersburg; Guercino (Giovanni Francesco Barbieri) - Pinacoteca di Brera, Milano; Jean-François Kieffer, in "Onde Thousand Gospel Images"

Revisão ortográfica: Célia Sousa

Impressão: Jorge Fernandes Lda

Depósito Legal: 382428/14

ISBN: 978-972-740-194-9

Edição do



Corpo Nacional de Escutas

Escutismo Católico Português

Site: www.cne-escutismo.pt

Email: geral@cne-escutismo.pt

Telefone: 00351 218 427 020

1. INTRODUÇÃO

«Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar» (Gn 12,1), ou, como propõe D. António Couto, «Vai para ti (*lek-l'ka*) do teu país, da tua parentela e da casa do teu pai, para o país que Eu te farei ver» (*'ar'eka*). Assim começa a história de Abraão e, de certo modo, a história da fé, pois Abraão é justamente chamado o Pai dos Crentes.

Enraizado nesta história longa, o CNE escolheu Abraão como modelo para o ano escutista 2014-2015. Não querendo fazer dele apenas uma figura de adorno de atividades e documentos, propomos agora alguns instrumentos pedagógicos que ajudem todos os níveis da associação a Caminhar com Abraão ao longo deste ano, convictos que esta luz muito ajudará a dar maior fundura ao nosso propósito educativo.

Um aprofundamento bíblico-teológico, algumas das referências mais recentes dos Papas a Abraão, uma viagem por alguns quadros de grandes pintores, propostas de atividades para vários níveis e uma indicação de alguns recursos disponíveis são as 5 partes que compõem a presente publicação. Importa referir que tudo isto foi apresentado e trabalhado num encontro que decorreu em Fátima no passado dia 12 de julho, procurando envolver as regiões neste enriquecimento que agora pomos à disposição de todos. Aliás, as propostas de atividades são fruto do trabalho de grupo aí realizado. Queremos, nos próximos anos, continuar e aperfeiçoar este modelo de trabalho.

Uma palavra de agradecimento é devida a todos os que contribuíram para esta publicação:

- o Sr. D. António Couto, pela cativante apresentação feita em Fátima e pelo texto que nos cedeu;
- os Seminários de Braga e o Prof. Luís Silva Pereira pela partilha dos comentários às pinturas sobre Abraão, já publicados no jornal *Voz de Esperança*;
- os participantes no encontro de 12 de julho em Fátima pela criatividade e empenho na conceção das atividades propostas.

Pe. Luís Marinho - Assistente Nacional

Pedro Duarte Silva - Secretário Nacional Pedagógico



2. ENQUADRAMENTO BÍBLICO-TEOLÓGICO

Excerto do livro *O Livro do Génesis*, de António Couto, ed. Letras&Coisas, Matosinhos, 2013, por cortesia do autor.

1. Abraão: a eleição e o «triângulo da aliança»

Somos informados de como a história segue de Noé até Abraão, através de Sem, Arfaxad, Chela, Héber, Péleg, Reú, Serug, Naor, Tera (Gn 11,10-26). E continuamos a aprender que, em vez de cancelar as diferenças, Deus instaura agora a principal delas: a eleição¹. De facto, a eleição é concebida como a grande diferença, em que o eleito, enquanto Único, fica face ao universal². Esta oposição é requerida pelo conceito de eleição³, dado que a eleição de um só não tem sentido se não remete para todos⁴. O texto paradigmático é Gn 12,1-3:

«**12**,¹Disse YHWH a Abrão: “Vai para ti (*lek-l'ka*) do teu país, da tua parentela e da casa do teu pai, para o país que Eu te farei ver (*'ar'eka*). ²E Eu farei de ti um grande povo e te abençoarei e engrandecerei o teu nome. Sê uma bênção! ³Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem. E serão abençoadas em ti todas as famílias da terra”» (Gn 12,1-3).

¹ P. BEAUCHAMP, *Le récit, la lettre et le corps*, p. 257.

² P. BEAUCHAMP, *Le récit, la lettre et le corps*, p. 255.

³ P. BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament*, I, p. 236-237.

⁴ P. BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament*, I, p. 238.

Este episódio do chamamento e da eleição de Abraão – note-se que o primeiro «judeu» é um pagão escolhido do meio do pecado universal das nações!⁵ –, postado logo a seguir à des-construção de Babel e à consequente dispersão no múltiplo, introduz a questão do Um. Abraão representa o Único. As «famílias» das Nações formam o todo. E Deus quer que o todo seja abençoado através do Único⁶. Note-se que o eleito, o Único, é abençoado sem condição («Abençoarei e engrandecerei o teu nome») (Gn 12,2), sendo as «famílias» da terra abençoadas sob condição, a de abençoarem o eleito: «Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem» (Gn 12,3)⁷. Dá para entender que, em vez de jogar pelo seguro e transferir a humanidade para longe dos lugares de violência e de morte, fruto da inveja e da cobiça, Deus opta, ao contrário, por reproduzir o cenário do fratricídio de Caim, concedendo, sem prévia justificação⁸, a sua bênção a um eleito, instaurando assim uma nova separação, quem sabe, fonte outra vez de inveja, violência e morte⁹. Fica, portanto, claro que Deus renuncia à solução automática de regular tudo sozinho, dispensando as mediações humanas. A eleição significa que Deus não fará a salvação do homem sem o homem¹⁰.

Babel revelou que a humanidade, sob a sua forma cultural e política, está doente. Nestas condições, a eleição deve compreender-se como um remédio. Mas um remédio homeopático (*similia similibus curantur*)¹¹, reclamando, portanto, o consentimento e cooperação livre e responsável de todos: do eleito e do não-eleito.

Do eleito em primeiro lugar. É, de facto, necessário que o eleito não encare a eleição como um privilégio a que se agarrar ciosamente em proveito próprio, querendo-a só para si, e julgando os outros indignos dela¹². Invejoso é aquele que quer ser, sem mediação, um com tudo, dizendo de si mesmo: «eu como todos; ninguém como eu»¹³. É, portanto, necessário que o eleito vença esta tentação e não adote face aos outros atitudes invejosas, enviesadas ou desconfiadas, fazendo deles maus juízos, e abeirando-se deles de forma dissimulada e distorcida, carregado de preconceitos, mentira, violência e morte. Se adotar tais atitudes incorretas, o eleito é o responsável pelo fracasso da eleição, não superando a «prova» da eleição, antes

⁵ P. BEAUCHAMP, *Le récit, la lettre et le corps*, p. 255; P. BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament*, I, p. 264; ver também G. VON RAD, *Genesi*, p. 202.

⁶ P. BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament*, II, p. 241.

⁷ P. BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament*, II, p. 251.

⁸ P. BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament*, I, p. 264.

⁹ A. WÉNIN, *Abraham: élection et salut*, p. 9.

¹⁰ A. WÉNIN, *Abraham: élection et salut*, p. 13.

¹¹ P. BEAUCHAMP, *Le récit, la lettre et le corps*, p. 255-257; A. WÉNIN, *Abraham: élection et salut*, p. 23.

¹² P. BEAUCHAMP, *Le récit, la lettre et le corps*, p. 259-260.

¹³ P. BEAUCHAMP, *Le récit, la lettre et le corps*, p. 255-258.

pervertendo-a. Do eleito é, portanto, requerida a libertação do mundo da posse («Vai para ti do teu país, da tua parentela e da casa do teu pai»), a que anda sempre apegada a inveja e a cobiça¹⁴. É-lhe pedido um trabalho de casa, dentro da própria casa, trabalho de libertação para a liberdade, bem patente naquele *dativus commodi* ou «de vantagem», também conhecido por dativo ético, que em hebraico soa *lek-leka*, à letra: «Vai para ti», que implica uma componente reflexiva e intransitiva, e não uma simples viagem no mapa, da ordem da geografia¹⁵. Do eleito é ainda requerida a confiança, pois partir para além da inveja, para a liberdade, por causa de uma palavra, supõe a confiança. Mas, em boa verdade, a confiança precede o eleito, dado que, ao endereçar-lhe aquela palavra, Deus já está a depositar confiança nele. Inaudita confiança, pois Deus vai até ao ponto de deixar nas mãos do eleito o Seu projecto de bênção para todos¹⁶.

A eleição representa, portanto, para o eleito, uma grande responsabilidade e uma séria prova. É que, para entrar na esfera dos benefícios da bênção, o não-eleito não pode recorrer senão ao eleito. É preciso, para isso, que se possa confrontar com um modelo de eleito, livre da inveja e da cobiça. Se tal suceder, é sinal de que o eleito superou a sua «prova», e é então a vez de o não-eleito ser posto à «prova». É que a bênção do eleito arma ao não-eleito o «laço» da inveja. É a reposição da situação de Caim face a Abel, sendo Caim incapaz de se alegrar com a bênção concedida ao seu irmão. Na realidade, Caim não compreende que a presença do outro é vital para ele, porque é dele que recebe a sua vida. A eleição é uma armadilha e uma tentação para o não-eleito. Somos quase sempre falsamente levados a pensar que aquilo que é dado ao outro nos é tirado a nós¹⁷. E o não-eleito só desmonta esta armadilha e vence a tentação da inveja, se abençoar o eleito, isto é, se, em vez de o invejar, se alegrar pela oportunidade feliz que representa para ele a escolha que Deus fez do eleito¹⁸. Se assim proceder, corretamente, o não-eleito está também a abandonar a inveja, que barra o acesso à bênção. Se o não fizer, permanece na maldição de Caim, porque a sua atitude é negação do outro, violência e morte.

Vê-se, assim, que Deus oferece a bênção através do eleito. Oferece-a; não a impõe. Pode cada um recebê-la por uma atitude que ponha termo à inveja e à cobiça. Nenhuma mediação é negligenciada nesta dinâmica da aliança, em que ninguém permanece passivo, mas em que ninguém faz

¹⁴ A. WÉNIN, *Abraham: élection et salut*, p. 10-11.

¹⁵ P. JOÛON, *Grammaire de l'hébreu biblique*, § 133 d; A. WÉNIN, *Abraham: élection et salut*, p. 11-12.

¹⁶ A. WÉNIN, *Abraham: élection et salut*, p. 11.

¹⁷ P. BEAUCHAMP, *Conférences*, p. 130.

¹⁸ P. BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament*, II, p. 251; A. WÉNIN, *Abraham: élection et salut*, p. 13; J. GUILLET, *Le langage spontané de la bénédiction dans l'Ancien Testament*, in *Recherches de Science Religieuse*, 57, 1969, p. 163-204, esp. p. 200-203.

tudo. O jogo da aliança requer a cooperação de todos, cada um no seu lugar: Deus, o eleito, as nações¹⁹. Cada um deve cooperar como sujeito na realização da bênção, que recebe ao mesmo tempo de Deus e de outrem, dado que, no triângulo da aliança, ninguém é o centro. Pelo contrário, cada *partner* decentra-se em relação aos outros dois: Deus oferece a bênção à humanidade; o eleito prossegue este projeto de oferecer a bênção de Deus a todos; o não-eleito alegra-se com a escolha que Deus fez do eleito para fazer chegar a sua bênção também a ele²⁰.

De notar que, com esta estratégia da eleição inserida na dinâmica da aliança, Deus oferece a Sua bênção, mas liberta-se de todo o controlo sobre ela, dado que os homens (o eleito e o não-eleito) são convidados a prestar o seu consentimento livre. Em resumo: Deus confia nos homens, no eleito e nos outros, escolhendo entregar-Se a eles para que possam ser eles a acolher e a oferecer a alegria da salvação. Procedendo assim, Deus é o primeiro a recusar entrar no jogo da concorrência, fruto da posse e da inveja. A bênção salvadora de Deus não tem nada de mágico. Por detrás da aparente preferência concedida ao eleito, esconde-se, na verdade, o amor de Deus por toda a humanidade e um infinito respeito pela liberdade de cada ser humano²¹. E como é importante o coração de cada ser humano! Para si mesmo, para a humanidade, para o universo!

2. Paisagens textuais paradigmáticas

2.1. Abraão no Egito (Gn 12,10-20) e em Guerar (Gn 20,1-11)

Já atrás referimos que Abraão, o primeiro «judeu», é um pagão escolhido do meio do pecado universal das nações. E também já referimos que Abraão não foi escolhido por ser melhor do que os outros, mas por ser igual aos outros, condição para que se possa proceder a uma cura homeopática. É notório que as nações olharão para Abraão pela ótica com que forem olhadas por ele. Paradigmática é a chegada de Abraão, pouco depois, ao Egito (Gn 12,10-20) e, mais tarde, quase em duplicado, à cidade-estado filisteia de Guerar (Gn 20,1-11). Nos dois lugares, Abraão vê-se confrontado com pessoas às quais é destinada a bênção-salvação de Deus, de que ele, o eleito, é o único mediador. Grande responsabilidade, portanto.

¹⁹ A. WÉNIN, *Abraham: élection et salut*, p. 14.

²⁰ A. WÉNIN, *Abraham: élection et salut*, p. 23-24.

²¹ A. WÉNIN, *Abraham: élection et salut*, p. 24.

Mas um medo de morte o habita. Aos olhos de Abraão, a beleza de Sara, sua esposa, constitui para ele perigo de morte²². É assim que, ao chegar à fronteira do Egito, o narrador nos mostra Abraão a dizer para Sara:

«**12**[...] ¹¹Na verdade, eu sei que tu és uma mulher bela à vista; ¹²logo que os egípcios te virem, dirão: “é a mulher dele”, e matar-me-ão, mas a ti deixar-te-ão viver. ¹³Diz, eu te peço, que és minha irmã, para que me tratem bem por tua causa, e, graças a ti, me conservem a vida» (Gn 12,11-13).

Pressentido o perigo imaginado, Abraão congemma logo a estratégia de defesa, e pede à sua mulher que minta, dizendo que é sua irmã (Gn 12,13), dissimulando assim a sua verdadeira relação com Sara²³.

Podemos agora clarificar os aspetos fundamentais do comportamento de Abraão: 1) tem preconceitos acerca dos egípcios, pensando que eles têm o olhar cobiçoso e invejoso que já encontrámos em Gn 3,6; 2) considera os egípcios como rivais; 3) usa a sua mulher como um meio para se proteger.

As relações que Abraão, o eleito, se prepara para estabelecer estão, portanto, minadas à partida, porque assentes na posse e no ciúme, na rivalidade e no medo, que o levam a ver no outro um concorrente perigoso, como é o caso do Egito, ou um simples meio para utilizar em proveito próprio, como é o caso de Sara²⁴.

A cena paralela de Gn 20,1-11, na cidade filisteia de Guerar, cujo rei é Abimelec, confirma esta leitura, sendo aí o desprezo pelo outro ainda mais acentuado²⁵. De facto, chegado a Guerar, Abraão apressa-se a declarar que Sara é sua irmã (Gn 20,2), pois tinha sido levado a pensar, de resto sem qualquer fundamento, que não devia haver nenhum temor de Deus naquele lugar, pelo que certamente o matariam por causa da sua mulher (Gn 20,11). Dando por suposto ter sido retirado do mundo da posse e da inveja, o eleito é levado a pensar que os outros ainda lá estão atolados. Puro preconceito de Abraão, formalmente desmentido por Abimelec, rei de Guerar,

²² A. WÉNIN, *Abraham: élection et salut*, p. 19.

²³ A. WÉNIN, *Abraham: élection et salut*, p. 20. A leitura tipológica mostra-nos como Deus escreve a Sua verdade sobre as nossas mentiras. Ao contrário de Abraão, que sacrifica a integridade do corpo da esposa para salvar a sua vida, no “mistério grande” de Ef 5,25-32, Cristo, o eleito, que congrega a humanidade desposando a Igreja, em que estão lado a lado Abraão e o Faraó, judeus e gentios, entrega a Sua vida, dá o Seu sangue para santificar e purificar a sua esposa. P. BEAUCHAMP, *Le Récit, la Lettre et le Corps*, p. 259; P.

BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament*, II, p. 243.

²⁴ A. WÉNIN, *Abraham: élection et salut*, p. 20.

²⁵ P. BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament*, II, p. 240-243.

que age afinal de boa consciência e mãos puras (Gn 12,5-6), e até repreende Abraão pelo seu comportamento irresponsável (Gn 20,9-10)²⁶.

Nos dois casos referidos, Abraão parece ser levado a pensar que a eleição que o afeta e a bênção-salvação que transporta lhe conferem direitos sobre os outros, levando-o a agir na condição de privilegiado que se acha no direito de se proteger, até porque, dizem alguns estudiosos, caso lhe viesse a acontecer alguma desgraça, porventura a morte, tal situação acarretaria o fracasso da eleição de Deus e da Sua bênção-salvação para todos²⁷. Raciocínio viciado. Correto seria que Abraão considerasse que a sua atitude de ciúme, desconfiança e desprezo pelos outros é que votaria ao fracasso a sua vocação de eleito e a sua missão de mediador da bênção-salvação para todos²⁸. De facto, se ele vê no outro um rival de quem há que desconfiar, se utiliza o outro como um meio para proveito próprio, se usa dissimulação, então está a camuflar a diferença a que Deus o chama. Está mesmo a negá-la, dado que o seu procedimento em nada difere do comportamento cobiçoso, invejoso e portador de morte que atravessa as páginas de Gn 3-11. E, nestas condições, como é que o «não-eleito» se pode confrontar com um modelo de eleito, livre da inveja e da cobiça?²⁹

Digamos as coisas de outra maneira: se Abraão se tivesse comportado como eleito, renunciando à posse, à inveja e à cobiça, se não tivesse dissimulado a sua condição de marido de Sara, ter-se-ia colocado então como obstáculo ao desejo do Faraó. E o Faraó, claramente confrontado com o limite do seu desejo, podia então optar com inteiro conhecimento de causa. Nessas condições, tomar Sara seria ceder à cobiça e desprezar Abraão, escolhendo, em última análise, a maldição. Ao contrário, respeitar o casal equivaleria a abençoar Abraão, pondo de lado a cobiça e a inveja, e a receber desse modo a bênção oferecida.

Em boa verdade, ao não se ter comportado como eleito perante o Faraó, Abraão não concede sequer ao Faraó a oportunidade de renunciar à cobiça e aderir à bênção. Por esse motivo, em vez da vida, Abraão leva-lhe a maldição (Gn 12,17)³⁰. Levado pelos seus preconceitos e medos, Abraão optou pela mentira. E o Faraó, que até se vem a revelar homem de boa-fé (Gn 12,18-19), acaba por cair vítima da mentira de Abraão, o

²⁶ A. WÉNIN, *Abraham: élection et salut*, p. 20-21.

²⁷ Muitos exegetas seguem este caminho. Ver, por exemplo, G. VON RAD, *Genesi*, p. 217.

²⁸ A. WÉNIN, *Abraham: élection et salut*, p. 21.

²⁹ A. WÉNIN, *Abraham: élection et salut*, p. 22.

³⁰ A. WÉNIN, *Abraham: élection et salut*, p. 22-23.

que representa um rotundo fracasso para o eleito³¹.

Postando-se face ao outro numa atitude de posse (a sua vida e a sua mulher) e preconceituosa (desconfiança e medo), Abraão acaba por provocar no outro idênticos sentimentos de posse e desconfiança, barragem à bênção-salvação erguida pelo comportamento incorreto do eleito.

Um Israel apenas cioso da sua diferença e desconfiado e temeroso face aos outros, ou uma Igreja apenas ciosa da sua diferença e desconfiada e temerosa face ao mundo, foram sempre fonte de desconfianças, e, conseqüentemente, barragem à multiplicação da bênção-salvação.

Dentro da Bíblia, é usual mencionar-se a época de Neemias-Esdras, na viragem do século V a. C. para o século IV a. C., como paradigma de um Israel que pensa que é fechando-se desconfiadamente na concha da sua diferença, e não falando abertamente ao mundo, que salvará a semente da bênção. Jonas, «o hebreu», representa bem este Israel particularista, mas o autor do Livro, que é universalista, força-o a abrir-se ao mundo, o que este faz a contragosto³². É também usual mencionar-se, e agora ainda em pior sentido, aquele Israel violento, que encontramos sobretudo nos livros de Josué e dos Juízes, que extermina sem piedade as populações que encontra pela frente, nomeadamente velhinhos, mulheres e crianças. Se assim procedesse, o eleito falharia a sua prova logo à raiz, obcecado pela violência e pela posse. A justificação por vezes apresentada não é convincente: tratar-se-ia de gente imersa no pecado (Gn 15,16; Dt 9,5) e que representaria um perigo para a fé do eleito (Dt 7,1-7). Mas a missão do eleito não é defender-se, mas expor-se, de modo a servir de modelo ao não-eleito. Mas as coisas não se passaram certamente como os textos as narram e é seguro que Israel não passou ao fio da espada os habitantes de cidades inteiras. A solução pode estar no género literário dos relatos. Este excesso de linguagem não vem dos factos, mas da epopeia³³. E além disso e antes disso, não é verdade que a Bíblia esteja do lado da violência ou da não-violência. A Bíblia está do lado do domínio da doçura da Palavra. E não é a doçura que é uma não-violência. É a violência que é uma «não-doçura»³⁴. Na Bíblia, o «estado de criatura», fundado sobre a paz e a doçura originárias, precede

³¹ A. WÉNIN, *Abraham: élection et salut*, p. 22.

³² Acerca da tensão «universalismo-particularismo» que se manifesta no Israel pós-exílico, nomeadamente na época de Neemias-Esdras, ver R. NORTH, *Universalismo y segregación postexilica*, in *Jalones de la Historia de la Salvación en el Antiguo Testamento*, I, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1969, p. 283-297. Neste sentido, Jonas é uma caricatura, no pior sentido, do povo judeu. Não para dizer que o povo judeu era extraordinariamente mau, como alguém poderá ser levado a pensar, mas para mostrar também a sua capacidade de autocrítica sadia. Além do mais, este livro era lido na grande Festa do Yom Kippur. F. C. HOLMGREN, *The Old Testament and the significance of Jesus. Embracing change – maintaining Christian identity: the emerging center in biblical scholarship*, Grand Rapids, Eerdmans, 1999, p. 7-11.

³³ J. L. SKA, *La parola di Dio nei racconti degli uomini*, p. 86-88.

³⁴ P. BEAUCHAMP, *Testament biblique*, p. 174.

o «estado de natureza» e toda e qualquer «convenção» de razão. A violência terminará como começou. A doçura voltará depois da violência, porque era antes da violência³⁵.

2.2. Uma página de insuperável liberdade (Gn 22,1-19)

A viagem transitiva e intransitiva, iniciada por Abraão em Gn 12,1, obedecendo àquele mandamento de Deus «Vai para ti» (*lek-l'eka*) do teu país, da tua parentela e da casa do teu pai, para o país que Eu te farei ver ('ar'eka)», que dá início à inteira história de salvação³⁶, é agora retomada em Gn 22, em que anotamos a mesma locução «Vai para ti» (*lek-l'eka*) (Gn 22,2), presente apenas nestas duas passagens, agrafando-as³⁷, e a mesma obediência³⁸, a mesma raiz verbal «ver» (*ra'ah*) estruturando todo o relato (Gn 22,4.8.13.14)³⁹. Não passa despercebida a constelação verbal «tomar – ir – fazer subir», que atravessa Gn 22, pois trata-se da estrutura do «credo» de Israel, segundo o qual YHWH «tomou» o povo do país do Egito, o «conduziu» através do deserto, e o «fez subir» para a Terra Prometida⁴⁰. Viagem do haver para o a-ver⁴¹. E, ainda assim, não para o nosso ver cobiçoso e invejoso, bem documentado em Gn 3,6, naquele paratático e fatal:

«E viu (*ra'ah*) a mulher que era boa (*tôb*) a árvore para comer e um desejo ardente (*ta'wah*)⁴² para os olhos, e era desejável (*nehmad*)⁴³ a árvore para obter inteligência (*haskil*)⁴⁴, e tomou (*wattiqqah*) do seu fruto, e comeu (*watto'kal*), e deu também ao seu marido, que estava com ela, e ele comeu (*wayyo'kal*)»,

³⁵ P. BEAUCHAMP, *Testament biblique*, p. 173-176.

³⁶ G. VON RAD, *Genesis*, p. 202.

³⁷ C. WESTERMANN, *Genesis 12-36*, p. 357 e 358; J. McKEOWN, *Genesis*, p. 117.

³⁸ Th. C. RÖMER, *Qui est Abraham?*, p. 17.

³⁹ Ph. ABADIE, *Abraham sacrificant, Gn 22*, in *Initiation à la lecture d'un texte biblique*, Lyon, PROFAC, 1994, p. 37.

⁴⁰ Ph. ABADIE, *Abraham sacrificant, Gn 22*, p. 37.

⁴¹ A. WÉNIN, *Abraham: élection et salut*, p. 10-11.

⁴² Os rabinos veem no termo *ta'wah* um «desejo apaixonado». E. TESTA, *Genesis*, I, p. 307.

⁴³ *ta'wah* e *nehmad* (de *'awwah* e *hamad*), juntos neste versículo, são os dois termos que, no Decálogo, designam a cobiça (respetivamente em Dt 5,21 e Ex 20,17). A. WÉNIN, *Le décalogue, révélation de Dieu et chemin de bonheur*, in *Revue théologique de Louvain*, 25, 1994, p. 179-180.

⁴⁴ Significativamente, no século XIX, os judeus traduziram *Aufklärung* por *haskala*.

mas para o como Deus nos faz ver, documentado em Abraão (Gn 12,1) e Moisés (Dt 34,1 e 4), a quem Deus faz ver a Terra Prometida, não para a possuir (haver), mas para a receber como um dom⁴⁵, não com olhos cobiçosos, invejosos e ciumentos, mas de bondade e benevolência, não com mãos que se fecham e retêm (yôd), mas com mãos que se abrem e dão (kaph)⁴⁶.

É neste terreno que se joga a «prova» de Abraão, que vai orientar os atos de Abraão⁴⁷, e deve orientar também o nosso olhar⁴⁸. Há ainda uma última posse de que Abraão tem de ser libertado: em relação a Abraão, o narrador insiste em chamar a Isaac «seu» filho (Gn 22,3.6.9.10.13), e o próprio Abraão diz para Isaac «meu» filho (Gn 22,7 e 8). Um refrão os reúne por duas vezes: «E iam os dois juntos» (*wayyyelkû sh^enêhem yah^eddaw*) (Gn 22,6 e 8). Ora, Isaac é o filho da promessa, é um dom, e um dom não é para se reter ou possuir. A voz do anjo de YHWH rasga os céus e chama Abraão por duas vezes (Gn 22,11 e 15). Note-se a dissonância com Gn 22,1, em que é a voz de Elohim que se ouve, e a consonância outra vez com o «disse YHWH a Abraão», de Gn 12,1⁴⁹. E segundo o dizer autorizado do anjo de YHWH que se faz ouvir dos céus por duas vezes, Abraão passa a prova exatamente porque «não retiveste (*hasak*) o teu filho, o teu único, longe de mim (*mim-mennî*)» (Gn 22,12 e 16). Não o reteve. Deu-o. Desapossou-se dele⁵⁰. Deu-o a Deus e deu-se a Deus na sua paternidade, «fazendo subir em holocausto», não um cordeiro (*seh*) (Gn 22,7-8), mas um carneiro (*'ayil*) (Gn 22,13)⁵¹. Neste episódio imenso, intenso e nebuloso, «nós podemos, todavia, compreender que, em vez de sacrificar Isaac, Abraão deverá sacrificar a sua vontade de o possuir como propriedade: é esta vontade que é mortal»⁵². Procedendo assim, Abraão é o anti-Adam⁵³.

É preciso testemunhas desta libertação imensa, incrível, dramática, divina. São os dois jovens⁵⁴ – dois, de acordo com o Deuteronomio 19,15 – que Abraão leva consigo (Gn 22,3), e que deixa depois, ao terceiro dia (Gn 22,4), num indeterminado «aqui» (*poh*) (Gn 22,5), enquanto Abraão e Isaac vão lá acima para adorar (*nishtah^aweh*), e voltarão depois ao encontro deles (Gn 22,5). Os dois jovens que permanecem «aqui» são, pois, testemunhas de

⁴⁵ A. WÉNIN, *Abraham: élection et salut*, p. 10-11.

⁴⁶ M.-A. OUAKNIN, *Les dix commandements*, Paris, Seuil, 1999, p. 133.

⁴⁷ C. WESTERMANN, *Gnesis 12-36*, p. 354.

⁴⁸ C. WESTERMANN, *Gnesis 12-36*, p. 358.

⁴⁹ C. WESTERMANN, *Gnesis 12-36*, p. 360-361

⁵⁰ Ph. ABADIE, *Abraham sacrificant*, Gn 22, p. 44 e 48; H. LINARD DE GUERTECHIN, *À partir d'une lecture du sacrifice d'Isaac (Genèse 22)*, in *Lumen Vitae*, 38, 1983, p. 310.

⁵¹ Ph. ABADIE, *Abraham sacrificant*, Gn 22, p. 50, nota 1; A. WÉNIN, *L'homme biblique*, p. 71.

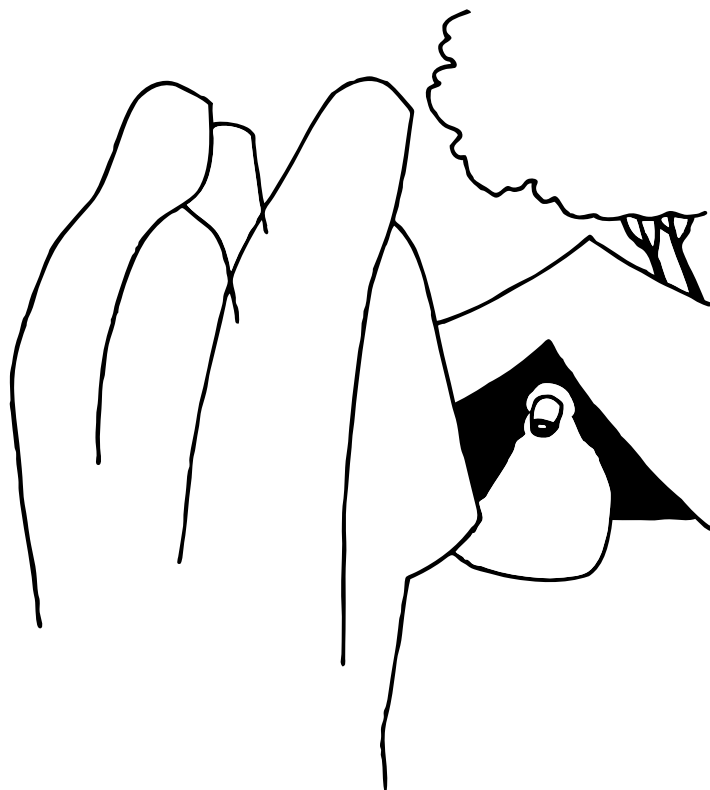
⁵² P. BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament*, II, p. 46.

⁵³ A. WÉNIN, *L'homme biblique*, p. 69.

⁵⁴ Ph. ABADIE, *Abraham sacrificant*, Gn 22, p. 40.

um dizer: «Vamos lá acima adorar, e voltaremos (*nashûbah*) para vós». Importante dizer, dado que, após a ação de adoração lá em cima, o narrador dirá: «Voltou (*yashab*) Abraão para os jovens» (Gn 22,19). Depositários de um dizer que afirmava o regresso de Abraão e Isaac, as duas testemunhas podem constatar agora, não o regresso dos dois, mas somente de Abraão⁵⁵.

Fina pedagogia e condescendência de Deus, que muitas vezes se reveste do negativo que há em nós, para no-lo fazer ver melhor, e assim dele nos libertar.



⁵⁵ Ph. ABADIE, *Abraham sacrifiant*, Gn 22, p. 48; A. WÉNIN, *L'homme biblique*, p. 71.

3. SUBSÍDIOS - ALGUNS TEXTOS DO PAPA

1 - João Paulo II: Homilia 23 de fevereiro de 2000

1. «Eu sou Javé, que te fez sair de Ur dos Caldeus, para te dar esta terra como herança... Nesse dia, Javé estabeleceu uma aliança com Abraão nestes termos: "À tua descendência darei esta terra, desde o rio do Egito até ao grande rio, o Eufrates".» (Jo 15,7.18)

Antes de Moisés ter ouvido no monte Sinai as célebres palavras de Javé: «Eu sou Javé teu Deus, que te fez sair da terra do Egito, da casa da escravidão» (Êx 20, 2), o Patriarca Abraão já ouvira estas palavras: «Eu sou Javé, que te fez sair de Ur dos Caldeus.» Portanto, devemos dirigir-nos com o pensamento rumo a esse importante lugar na história do Povo de Deus, para ali buscar *os primórdios da aliança de Deus com o homem*. Eis por que, neste ano do Grande Jubileu, enquanto com o coração remontamos ao início da aliança de Deus com a humanidade, *o nosso olhar se volta para Abraão*, para o lugar onde ele ouviu a chamada de Deus e lhe respondeu com a obediência da fé. Juntamente conosco, também os judeus e os muçulmanos olham para a figura de Abraão como para um modelo de incondicional submissão à vontade de Deus (cf. *Nostra aetate*, nº 3).

O autor da Carta aos Hebreus escreve: «Pela fé, Abraão, chamado por Deus, partiu para um lugar que deveria receber como herança. E partiu sem saber para onde.» (11,8) Eis que Abraão, que o Apóstolo Paulo denomina «nosso pai na fé» (cf. Rm 4, 11-16), acreditou em Deus e *confiou n'Aquele* que o chamava. *Acreditou na Sua promessa*. Javé disse a Abraão: «Sai da tua terra,

do meio dos teus parentes e da casa de teu pai, e vai para a terra que Eu te mostrar. Farei de ti um grande povo e abençoar-te-ei; tornarei famoso o teu nome, de modo que seja uma bênção... Em ti, todas as famílias da terra serão abençoadas» (Gn 12,1-3) Estamos porventura a falar do trajeto de uma das múltiplas migrações, típicas de uma época em que a pastorícia era uma fundamental forma de vida económica? Provavelmente sim. Porém, sem dúvida *não se tratava só disto*. Na vicissitude de Abraão, com quem teve início a história da salvação, já podemos captar outro significado da chamada e da promessa. A terra, rumo à qual começa a caminhar o homem guiado pela voz de Deus, *não pertence exclusivamente à geografia deste mundo*. Abraão, o crente que recebe o convite de Deus, é aquele que caminha na direção de uma terra prometida que não é deste mundo.

2. Na Carta aos Hebreus, lemos: «Pela fé, Abraão, colocado à prova, ofereceu Isaac; e justamente ele que havia recebido as promessas ofereceu o seu único filho, do qual fora dito: “De Isaac sairá uma descendência que terá o teu nome”.» (11,17-18) *Eis o apogeu da fé de Abraão*. Ele é posto à prova por aquele Deus em quem depositara a própria confiança, por aquele Deus de quem recebera a promessa concernente ao longínquo futuro: «De Isaac sairá uma descendência que terá o teu nome» (Hb 11,18) Porém, é chamado a oferecer em sacrifício a Deus precisamente Isaac, o seu único filho, a quem estava ligada toda a sua esperança, conforme de resto à promessa divina. Como poderá cumprir-se a promessa que Deus lhe fez de uma descendência numerosa, se Isaac, o seu filho unigénito, deverá ser oferecido em sacrifício?

Mediante a fé, Abraão sai vitorioso desta provação, uma prova dramática que punha em questão diretamente a sua fé. «De facto, Abraão pensava, escreve o autor da Carta aos Hebreus, que Deus é capaz de ressuscitar os mortos.» (11,19) Nesse momento humanamente trágico, em que já estava pronto a infligir o golpe mortal contra o seu filho, Abraão não cessou de acreditar. Pelo contrário, a sua fé na promessa de Deus alcançou o ápice. Ele pensava: «Deus é capaz de ressuscitar os mortos.» Assim pensava este pai provado, humanamente falando, para além de toda a medida. E a sua fé, o seu total abandono em Deus, não o desiludiu. Está escrito: «Por isso, Abraão recuperou o seu filho.» (Ibid.) Recuperou Isaac, porque acreditou em Deus até ao fim e de maneira incondicional.

Aqui o autor da Carta parece exprimir algo mais: toda a experiência de Abraão se lhe manifesta como *uma antologia do evento salvífico da morte e da ressurreição de Cristo*. Este homem, que se encontra na origem da nossa fé, faz parte do eterno desígnio divino. Segundo uma tradição, o lugar onde

Abraão estava prestes a sacrificar o próprio filho é o mesmo lugar em que outro pai, o Pai eterno, teria aceitado a oferta do Seu Filho unigénito, Jesus Cristo. Assim, o sacrifício de Abraão apresenta-se como anúncio profético do sacrifício de Cristo. «Pois Deus escreve São João, amou de tal forma o mundo que entregou o Seu Filho único.» (Jo 3,16) Sem o saber, o Patriarca Abraão, nosso pai na fé, introduz de certa forma todos os crentes no desígnio eterno de Deus, no qual se realiza a redenção do mundo.

3. Certo dia, Cristo afirmou: «Garanto-vos: antes que Abraão existisse, Eu sou!» (Jo 8,58), e estas palavras surpreenderam os ouvintes, que objetaram: «Ainda não tens cinquenta anos e viste Abraão?» (*Ibid.*, v. 57) Quem reagia assim, raciocinava de maneira meramente humana, e por isso não aceitava quanto Cristo dizia. «Acaso és maior que o nosso pai Abraão, que morreu? Os profetas também morreram. Quem é que pretendes ser?» (*Ibid.*, v. 53) Jesus retorquiu-lhes: «Abraão, vosso pai, alegrou-se porque viu o meu dia. Ele viu e encheu-se de alegria.» (*Ibid.*, v. 56)

A vocação de Abraão parece estar inteiramente orientada para o dia de que Cristo fala. Aqui, não contam os cálculos humanos; *é preciso aplicar a medida de Deus*. Só assim podemos compreender o justo significado da obediência de Abraão que, «esperando contra toda a esperança... acreditou.» (Rm 4,18) Esperou tornar-se pai de numerosas nações, e hoje sem dúvida alegra-se connosco porque a promessa de Deus se realiza ao longo dos séculos, de geração em geração.

O facto de ter acreditado, esperando contra toda a esperança, «foi-lhe creditado como justiça.» (*Ibid.*, v. 22), não só em consideração dele, mas também de todos nós, seus descendentes na fé. Nós «acreditamos n'Aquele que ressuscitou dos mortos, Jesus nosso Senhor.» (*Ibid.*, v. 24), condenado à morte pelos nossos pecados e ressuscitado pela nossa justificação (cf. v. 25). Abraão não o sabia; todavia, mediante a obediência da fé, dirigia-se para o cumprimento de todas as promessas divinas, animado pela esperança de que estas se realizassem. E existe porventura maior promessa do que aquela que se cumpriu no mistério pascal de Cristo? Verdadeiramente, na fé de Abraão, Deus todo-poderoso entreteceu uma aliança eterna com o género humano, e o cumprimento definitivo dessa é Jesus Cristo. O Filho unigénito do Pai, da Sua mesma substância, fez-Se homem para nos introduzir, mediante a humilhação da Cruz e a glória da ressurreição, na terra de salvação que, desde o princípio, Deus rico de misericórdia prometeu à humanidade.

4. Modelo insuperável do povo remido, no caminho rumo ao cumprimento desta promessa universal, é Maria, «Aquele que acreditou, porque vai acontecer o que o Senhor lhe prometeu.» (Lc 1,45)

Filha de Abraão segundo a fé e a carne, Maria participou pessoalmente na sua experiência. Também Ela, como Abraão, aceitou a imolação do Filho, mas enquanto a Abraão não foi pedido o sacrifício efetivo de Isaac, Cristo bebeu até à última gota o cálice da amargura. E Maria participou pessoalmente na provação do Filho, acreditando e esperando com firmeza aos pés da cruz (cf. Jo 19,25).


Era o epílogo de uma longa expectativa. Formada na meditação das páginas proféticas, Maria pressentia o que estava à sua espera e, exaltando a misericórdia de Deus, fiel ao Seu povo de geração em geração, exprimia a pronta adesão ao Seu desígnio de salvação; expressava de modo especial o seu “*sim*” ao evento central daquele projeto, o sacrifício daquele Menino que Ela trazia no seio. Como Abraão, aceitou o sacrifício do Filho.

Hoje, unimos a nossa voz à sua e, juntamente com Ela, a Virgem Filha de Sião, proclamamos que Deus se recordou da sua misericórdia, «conforme prometera aos nossos pais, em favor de Abraão e da sua descendência para sempre.» (Lc 1,55).

JOÃO PAULO II / HOMILIA NA CELEBRAÇÃO EM RECORDAÇÃO DE ABRAÃO, “PAI DE TODOS OS CRENTES” - Quarta-feira, 23 de fevereiro de 2000

2 - Bento XVI: Catequese de 18 de maio de 2011

Nas últimas duas catequese refletimos sobre a oração como fenómeno universal, que — embora de diversas formas — está presente nas culturas de todos os tempos. Hoje, ao contrário, gostaria de começar um percurso bíblico sobre este tema, que nos levará a aprofundar o diálogo de aliança entre Deus e o homem, que anima a história da salvação até ao ápice, à palavra definitiva que é Jesus Cristo. Este caminho levar-nos-á a meditar sobre alguns importantes textos e figuras paradigmáticas do Antigo e do Novo Testamento. Será Abraão, o grande Patriarca, pai de todos os fiéis (cf. Rm 4, 11-12.16-17), a oferecer-nos um primeiro exemplo de oração, no episódio da intercessão pelas cidades de Sodoma e Gomorra. E gostaria também de vos convidar a aproveitar o percurso que faremos nas próximas catequese, para aprender a conhecer mais a Bíblia, a qual espero que tenhais nos vossos lares e, durante a semana, deter-se a lê-la e a meditá-la na oração, para conhecer a maravilhosa história da relação entre Deus e o homem, entre Deus que se nos comunica e o homem que responde, que reza.



O primeiro texto sobre o qual queremos meditar encontra-se no capítulo 18 do Livro do Gênesis; narra-se que a malvadez dos habitantes de Sodoma e Gomorra tinha chegado ao ápice, a ponto de tornar necessária uma intervenção de Deus para cumprir um gesto de justiça e para deter o mal, destruindo aquelas cidades. É aqui que se insere Abraão, com a sua prece de intercessão. Deus decide revelar-lhe aquilo que está para acontecer, e faz-lhe conhecer a gravidade do mal e as suas terríveis consequências, porque Abraão é o seu eleito, escolhido para se tornar um grande povo e fazer chegar a bênção divina ao mundo inteiro. A sua missão é de salvação, e deve responder ao pecado que invadiu a realidade do homem; através dele, o Senhor quer reconduzir a humanidade à fé, à obediência e à justiça. E agora, este amigo de Deus abre-se à realidade e à necessidade do mundo, ora por aqueles que estão para ser punidos e pede que sejam salvos.

Abraão delinea imediatamente o problema em toda a sua gravidade, e diz ao Senhor: «E vais exterminar, ao mesmo tempo, o justo com o culpado? Talvez haja cinquenta justos na cidade: matá-los-ás a todos? Não perdoarás a cidade, por causa dos cinquenta justos que nela podem existir? Não, não serás capaz de proceder assim, e matar o justo com o culpado, tratando-os da mesma maneira! Longe de Ti semelhante pensamento! O Juiz de toda a terra não fará justiça?» (Vv. 23-25) Com estas palavras, com grande coragem, Abraão põe diante de Deus a necessidade de evitar uma justiça sumária: se a cidade é culpada, é justo condenar o seu crime e infligir o castigo, mas — afirma o grande Patriarca — seria injusto punir de modo indiscriminado todos os seus habitantes. Se na cidade existem alguns inocentes, eles não podem ser tratados como os culpados. Deus, que é um Juiz justo, não pode agir deste modo, diz justamente Abraão a Deus.

Mas, se lermos mais atentamente o texto, dar-nos-emos conta de que o pedido de Abraão é ainda mais sério e mais profundo, porque não se limita a pedir a salvação para os inocentes. Abraão pede o perdão para toda a cidade, e fá-lo apelando-se à justiça de Deus; com efeito, diz ao Senhor: «Não perdoarás a cidade, por causa dos cinquenta justos que nela podem existir?» (v. 24 b) Agindo deste modo, põe em jogo uma nova ideia de justiça: não aquela que se limita a punir os culpados, como fazem os homens, mas uma justiça diferente, divina, que busca o bem e o cria através do perdão que transforma o pecador, o converte e o salva. Portanto, com a sua oração, Abraão não invoca uma justiça meramente retributiva, mas uma intervenção de salvação que, tendo em consideração os inocentes, liberte da culpa inclusive os ímpios, perdoados-os. O pensamento de Abraão, que parece quase paradoxal, poder-se-ia resumir assim: obviamente, não se po-

dem tratar os inocentes como os culpados, pois isto seria injusto; ao contrário, é necessário tratar os culpados como os inocentes, pondo em ação uma justiça “superior”, oferecendo-lhes uma possibilidade de salvação, porque se os malfeitores aceitam o perdão de Deus e confessam a própria culpa, deixando-se salvar, já não continuarão a cometer o mal, mas tornar-se-ão também eles justos, e já sem a necessidade de serem punidos.

Este é o pedido de justiça que Abraão expressa na sua intercessão, um pedido que se baseia na certeza de que o Senhor é misericordioso. Abraão não pede a Deus algo contrário à sua essência, bate à porta do coração de Deus, conhecendo a sua verdadeira vontade. Sem dúvida, Sodoma é uma grande cidade, e cinquenta justos parecem poucos, mas não são porventura a justiça de Deus e o Seu perdão a manifestação da força do bem, embora ele pareça menor e mais frágil que o mal? A destruição de Sodoma devia impedir o mal presente na cidade, mas Abraão sabe que Deus tem outros modos e outros meios para deter a propagação do mal. É o perdão que interrompe a espiral do pecado e, no seu diálogo com Deus, Abraão apela-se precisamente a isto. E quando o Senhor aceita perdoar a cidade, se nela encontrar cinquenta justos, a sua oração de intercessão começa a descer rumo aos abismos da misericórdia divina. Abraão — como recordamos — faz diminuir progressivamente o número de inocentes necessários para a salvação: se não forem cinquenta, poderiam ser suficientes quarenta e cinco, e depois cada vez menos, até dez, continuando com a sua súplica, que se faz quase ousada na insistência: «Talvez ali se encontrem quarenta... trinta... vinte... dez.» (cf. vv. 29.30.31.32) E quanto menor se torna o número, tanto maior se revela e se manifesta a misericórdia de Deus, que ouve com paciência a oração, a acolhe e a repete a cada súplica: «Perdoarei... não destruirei... não o farei.» (cf. vv. 26.28.29.30.31.32)

Assim, por intercessão de Abraão, Sodoma poderá ser salva, se nela se encontrarem unicamente dez inocentes. Este é o poder da oração. Porque através da intercessão, da prece a Deus pela salvação dos outros manifesta-se e exprime-se o desejo de salvação que Deus nutre sempre pelo homem pecador. Com efeito, o mal não pode ser aceite, deve ser indicado e destruído através da punição: a destruição de Sodoma tinha precisamente esta função. Mas o Senhor não quer a morte do ímpio, mas que se converta e viva (cf. Ez 18,23; 33,11); o seu desejo é sempre o de perdoar, salvar, dar vida, transformar o mal em bem. Ora, é precisamente este desejo divino que, na oração, se torna desejo do homem e se exprime através das palavras da intercessão. Com a sua súplica, Abraão empresta a própria voz, mas também o seu coração, à vontade divina: o desejo de Deus é misericórdia,

amor e vontade de salvação, e este desejo de Deus encontrou em Abraão e na sua oração a possibilidade de se manifestar de modo concreto no interior da história dos homens, para estar presente onde há necessidade da graça. Com a voz da sua oração, Abraão dá voz ao desejo de Deus, que não é o de destruir, mas de salvar Sodoma, de dar vida ao pecador convertido.

É isto que o Senhor quer, e o Seu diálogo com Abraão é uma manifestação prolongada e inequívoca do Seu amor misericordioso. A necessidade de encontrar homens justos no interior da cidade torna-se cada vez menos exigente e, no final, serão suficientes dez delas para salvar a totalidade da população. No texto não se diz por que motivo Abraão se limita a dez. Talvez seja um número que indica um núcleo comunitário mínimo (ainda hoje, dez pessoas são o quórum necessário para a oração pública judaica). De qualquer modo, trata-se de um número reduzido, uma pequena parte de bem pela qual começar para salvar um grande mal. Mas em Sodoma e Gomorra não havia sequer dez justos, e assim as cidades foram destruídas. Uma destruição testemunhada de modo paradoxal como necessária, precisamente pela prece de intercessão de Abraão. Pois foi exatamente aquela oração que revelou a vontade salvífica de Deus: o Senhor estava disposto a perdoar, desejava fazê-lo, mas as cidades estavam fechadas num mal totalizador e paralisador, sem sequer poucos inocentes, a partir dos quais começar para transformar o mal em bem. Pois é precisamente este o caminho da salvação, que também Abraão pedia: ser salvos não quer dizer simplesmente evitar a punição, mas ser libertos do mal que habita em nós. Não é o castigo que deve ser eliminado, mas o pecado, aquela rejeição de Deus e do amor que já traz em si o castigo. O profeta Jeremias dirá ao povo rebelde: «Valeu-te este castigo, a tua malícia, e as tuas infidelidades atraíram sobre ti a punição. Sabe, portanto, e vê como te foi funesto e amargo abandonar o Senhor teu Deus.» (Jr 2,19) É desta tristeza e amargura que o Senhor quer salvar o homem, libertando-o do pecado. Mas é necessária, portanto, uma transformação a partir de dentro, uma grande ocasião de bem, um início a partir do qual começar para mudar o mal em bem, o ódio em amor e a vingança em perdão. Por isso, os justos devem estar dentro da cidade, e Abraão repete continuamente: «Talvez ali se encontrem...». «Ali»: é no interior da realidade doentia que deve existir aquele germe de bem que pode purificar e restituir a vida. É uma palavra dirigida também a nós: que nas nossas cidades se encontre o germe do bem; façamos de tudo para que haja não só dez justos, para fazer realmente viver e sobreviver as nossas cidades e para nos salvar desta amargura interior, que é a ausência de Deus. E na realidade doentia de Sodoma e Gomorra não se encontrava aquele germe de bem.

Mas a misericórdia de Deus na história do Seu povo amplia-se ulteriormente. Se para salvar Sodoma eram necessários dez justos, o profeta Jeremias dirá, em nome do Todo-Poderoso, que basta um único justo para salvar Jerusalém: «Percorrei as ruas de Jerusalém, olhai, perguntai; procurai nas praças, vede se nelas encontrais um homem, um só homem que pratique a justiça e seja leal; então Eu perdoarei a cidade.» (5,1) O número diminuiu ainda mais, e a bondade de Deus mostra-se ainda maior. E no entanto isto ainda não é suficiente, a misericórdia superabundante de Deus não encontra a resposta de bem que procura, e Jerusalém cai sob o assédio do inimigo. Será preciso que o próprio Deus Se torne aquele justo. E este é o mistério da Encarnação: para garantir um justo, Ele mesmo se faz homem. Sempre haverá um justo, porque é Ele: porém, é preciso que o próprio Deus se torne aquele justo. O amor divino infinito e surpreendente será plenamente manifestado, quando o Filho de Deus se fizer homem, o Justo definitivo, o Inocente perfeito, que trará a salvação ao mundo inteiro, morrendo na cruz, perdoadando e intercedendo por quantos «não sabem o que fazem.» (Lc 23,34) Então, a oração de cada homem encontrará a sua resposta, então cada uma das nossas intercessões será plenamente atendida.

Caros irmãos e irmãs, a súplica de Abraão, nosso pai na fé, nos ensina a abrir cada vez o coração à misericórdia superabundante de Deus, para que na prece quotidiana saibamos desejar a salvação da humanidade e pedi-la com perseverança e confiança ao Senhor, que é grande no amor. Obrigado!

PAPA BENTO XVI / AUDIÊNCIA GERAL - Praça de São Pedro - Quarta-feira, 18 de maio de 2011

3 - Bento XVI: Catequese Geral de 23 de janeiro de 2013

A este propósito, é muito bonito o capítulo 11 da Carta aos Hebreus, que há pouco ouvimos. Ali, fala-se da fé e põem-se em evidência as grandes figuras bíblicas que a viveram, tornando-se modelo para todos os fiéis. No primeiro versículo, o texto reza: «A fé é o fundamento da esperança, é uma certeza a respeito do que não se vê.» (11, 1). Por conseguinte, os olhos da fé são capazes de ver o invisível, e o coração do crente pode esperar além de toda a esperança precisamente como Abraão, de quem na Carta aos Romanos Paulo afirma que «acreditou, esperando contra toda a esperança» (4,18).

É precisamente sobre Abraão que gostaria de chamar a nossa atenção, porque ele é a primeira grande figura de referência para falar de fé em

Deus: Abraão, o grande patriarca, modelo exemplar, pai de todos os crentes (cf. Rm 4,11-12). A Carta aos Hebreus apresenta-o assim: «Foi pela fé que Abraão, obedecendo ao apelo divino, partiu para uma terra que devia receber em herança. E partiu sem saber para onde ia. Foi pela fé que ele habitou na terra prometida, como em terra estrangeira, habitando aí em tendas com Isaac e Jacob, co-herdeiros da mesma promessa. Porque tinha a esperança fixa na cidade assentada sobre os fundamentos eternos, cujo arquiteto e construtor é Deus.» (11,8-10)

Aqui, o autor da Carta aos Hebreus faz referência à vocação de Abraão, narrada no Livro do Génesis, o primeiro livro da Bíblia. O que pede Deus a este patriarca? Pede-lhe que parta, abandonando a própria terra para ir rumo à terra que lhe indicar: «Deixa a tua terra, a tua família e a casa de teu pai e vai para a terra que eu te mostrar.» (Gn 12,1) Como teríamos respondido nós a um convite semelhante? Com efeito, trata-se de uma partida às escuras, sem saber para onde Deus o levará; é um caminho que exige uma obediência e uma confiança radicais, ao qual só a fé permite aceder. Mas a escuridão do desconhecido — onde Abraão deve ir — é iluminado pela luz de uma promessa; Deus acrescenta ao mandato uma palavra tranquilizadora que abre diante de Abraão um futuro de vida em plenitude: «Farei de ti uma grande nação; abençoar-te-ei e exaltarei o teu nome... e todas as famílias da terra serão benditas em ti.» (Gn 12,2.3)

Na Sagrada Escritura, a bênção está vinculada primariamente ao dom da vida que vem de Deus e manifesta-se em primeiro lugar na fecundidade, numa vida que se multiplica, passando de geração em geração. E à bênção está ligada também a experiência da posse de uma terra, de um lugar estável onde viver e crescer em liberdade e segurança, temendo Deus e construindo uma sociedade de homens fiéis à Aliança, «reino de sacerdotes e nação santa» (cf. Êx 19, 6).

Por isso, no desígnio divino, Abraão está destinado a tornar-se «pai de uma multidão de povos» (Gn 17,5; cf. Rm 4,17-18) e a entrar numa nova terra onde habitar. E no entanto Sara, sua esposa, é estéril, não pode ter filhos; e o país para o qual Deus o conduz é distante da sua terra de origem, já é habitado por outras populações, e nunca lhe pertencerá verdadeiramente. O narrador bíblico sublinha-o, mas com muita discrição: quando Abraão chegou ao lugar da promessa de Deus: «Os Cananeus já viviam naquela terra.» (Gn 12,6) A terra que Deus oferece a Abraão não lhe pertence, ele é um estrangeiro e tal permanecerá para sempre, com tudo o que isto comporta: não ter finalidades de posse, sentir sempre a própria pobreza, ver tudo como dádiva. Esta é também a condição espiritual de quem aceita se-

guir o Senhor, de quem decide partir, acolhendo a Sua chamada, sob o sinal da Sua bênção invisível mas poderosa. E Abraão, «pai dos crentes», aceita esta chamada na fé. Na Carta aos Romanos, são Paulo escreve: «Esperando, contra toda a esperança, Abraão teve fé e tornou-se pai de muitas nações, segundo o que lhe fora dito: “Assim será a tua descendência.” Não vacilou na fé, embora tenha reconhecido o seu próprio corpo sem vigor — pois tinha quase cem anos — e o seio de Sara igualmente amortecido. Diante da promessa de Deus, não vacilou, não desconfiou, mas conservou-se forte na fé e deu glória a Deus. Estava plenamente convencido de que Deus era poderoso, para cumprir o que prometera.» (Rm 4, 18-21)

A fé leva Abraão a percorrer um caminho paradoxal. Ele será abençoado, mas sem os sinais visíveis da bênção: recebe a promessa de se tornar um grande povo, mas com uma vida marcada pela esterilidade da sua esposa Sara; é levado para uma nova pátria, mas nela deverá viver como estrangeiro; e a única posse da terra que se lhe permitirá será a de um lote de terreno para ali sepultar Sara (cf. Gn 23,1-20). Abraão é abençoado porque, na fé, sabe discernir a bênção divina, indo além das aparências, confiando na presença de Deus até quando os Seus caminhos lhe parecem misteriosos.

O que significa isto para nós? Quando afirmamos: «Creio em Deus», nós dizemos como Abraão: «Confio em Ti; confio-me a Ti, ó Senhor!», mas não como a alguém a quem recorrer apenas nos momentos de dificuldade, ou a quem dedicar alguns momentos do dia ou da semana. Dizer «Creio em Deus» significa fundar sobre Ele a minha própria vida, deixar que a Sua Palavra a oriente todos os dias, nas escolhas concretas, sem medo de perder algo de mim mesmo. Quando, no Rito do Batismo, por três vezes somos interrogados: «Credes?» em Deus, em Jesus Cristo, no Espírito Santo, na santa Igreja católica e nas outras verdades de fé, a tríplice resposta é no singular: «Creio», porque é a minha existência pessoal que deve passar por uma transformação mediante o dom da fé; é a minha existência que deve mudar, converter-se. Cada vez que participamos num batizado, deveríamos perguntar-nos como vivemos diariamente o grande dom da fé.

Abraão, o crente, ensina-nos a fé; e, como estrangeiro na terra, indica-nos a pátria verdadeira. A fé torna-nos peregrinos na terra, inseridos no mundo e na história, mas a caminho da pátria celestial. Portanto, crer em Deus torna-nos portadores de valores que muitas vezes não coincidem com a moda, nem com a opinião do momento, exige que adotemos critérios e assumamos comportamentos que não pertencem ao modo de pensar comum. O cristão não deve ter medo de ir “contra a corrente” para viver a sua fé, resistindo à tentação de “se conformar”. Em numerosas das nossas

sociedades, Deus tornou-Se o “grande ausente” e no Seu lugar existem muitos ídolos, ídolos extremamente diferentes entre si, e sobretudo a posse e o “eu” autónomo. E também os progressos notáveis e positivos da ciência e da técnica suscitaram no homem uma ilusão de onipotência e de autosuficiência, e um egocentrismo crescente criou não poucos desequilíbrios no contexto das relações interpessoais e dos comportamentos sociais.

E no entanto, a sede de Deus (cf. Sl 63,2) não foi saciada e a mensagem evangélica continua a ressoar através das palavras e das obras de numerosos homens e mulheres de fé. Abraão, o pai dos crentes, continua a ser pai de muitos filhos que aceitam caminhar no seu sulco e se põem a caminho, em obediência à vocação divina, confiando na presença benévola do Senhor e acolhendo a Sua bênção, a fim de se fazer bênção para todos. É o mundo abençoado da fé, ao qual todos somos chamados, para caminhar sem medo no seguimento do Senhor Jesus Cristo. Trata-se de um caminho por vezes difícil, que conhece também a prova e a morte, mas que abre à vida, numa transformação radical da realidade, que unicamente os olhos da fé são capazes de ver e saborear em plenitude.

Então, afirmar «Creio em Deus» impele-nos a partir, a sair de modo incessante de nós mesmos, precisamente como Abraão, para levar à realidade quotidiana em que vivemos a certeza que nos deriva da fé: ou seja, a certeza da presença de Deus na história, também hoje; uma presença que traz vida e salvação, abrindo-nos a um futuro com Ele, para uma plenitude de vida que nunca conhecerá ocaço.

PAPA BENTO XVI / AUDIÊNCIA-GERAL - Sala Paulo VI - Quarta-feira, 23 de janeiro de 2013

4 - Papa Francisco: *LUMEN FIDEI*

8. A fé desvenda-nos o caminho e acompanha os nossos passos na história. Por isso, se quisermos compreender o que é a fé, temos de explanar o seu percurso, o caminho dos homens crentes, com os primeiros testemunhos já no Antigo Testamento. Um posto singular ocupa Abraão, nosso pai na fé. Na sua vida, acontece um facto impressionante: Deus dirige-lhe a Palavra, revela-Se como um Deus que fala e o chama pelo nome. A fé está ligada à escuta. Abraão não vê Deus, mas ouve a Sua voz. Deste modo, a fé assume um carácter pessoal: o Senhor não é o Deus de um lugar, nem mesmo o Deus vinculado a um tempo sagrado específico, mas o Deus de uma pessoa, concretamente o Deus de Abraão, Isaac e Jacob, capaz de entrar em contacto com o homem e estabelecer com ele uma aliança. A fé é a resposta a uma Palavra que interpela pessoalmente, a um Tu que nos chama por nome.

9. Esta Palavra comunica a Abraão uma chamada e uma promessa. Contém, antes de tudo, uma chamada a sair da própria terra, convite a abrir-se a uma vida nova, início de um êxodo que o encaminha para um futuro inesperado. A perspectiva, que a fé vai proporcionar a Abraão, estará sempre ligada com este passo em frente que ele deve realizar: a fé “vê” na medida em que caminha, em que entra no espaço aberto pela Palavra de Deus. Mas tal Palavra contém ainda uma promessa: a tua descendência será numerosa, serás pai de um grande povo (cf. Gn 13,16; 15,5; 22,17). É verdade que a fé de Abraão, enquanto resposta a uma Palavra que a precede, será sempre um ato de memória; contudo, esta memória não o fixa no passado, porque, sendo memória de uma promessa, se torna capaz de abrir ao futuro, de iluminar os passos ao longo do caminho. Assim se vê como a fé, enquanto memória do futuro, está intimamente ligada com a esperança.

10. A Abraão pede-se para se confiar a esta Palavra. A fé compreende que a palavra — uma realidade aparentemente efêmera e passageira —, quando é pronunciada pelo Deus fiel, torna-se no que de mais seguro e inabalável possa haver, possibilitando a continuidade do nosso caminho no tempo. A fé acolhe esta Palavra como rocha segura, sobre a qual se pode construir com alicerces firmes. Por isso, na Bíblia hebraica, a fé é indicada pela palavra *'emûnah*, que deriva do verbo *'amàn*, cuja raiz significa “sustentar”. O termo *'emûnah* tanto pode significar a fidelidade de Deus como a fé do homem. O homem fiel recebe a sua força do confiar-se nas mãos do Deus fiel. Jogando com dois significados da palavra — presentes tanto no termo grego *pistós* como no correspondente latino *fidelis* –, São Cirilo de Jerusalém exaltar a dignidade do cristão, que recebe o mesmo nome de Deus: ambos são chamados “fiéis”. E Santo Agostinho explica-o assim: «O homem fiel é aquele que crê no Deus que promete; o Deus fiel é aquele que concede o que prometeu ao homem.»

11. Há ainda um aspeto da história de Abraão que é importante para se compreender a sua fé. A Palavra de Deus, embora traga consigo novidade e surpresa, não é de forma alguma alheia à experiência do Patriarca. Na voz que Se lhe dirige, Abraão reconhece um apelo profundo, desde sempre inscrito no mais íntimo do seu ser. Deus associa a Sua promessa com aquele “ponto” onde desde sempre a existência do homem se mostra promissora, ou seja, a paternidade, a geração de uma nova vida: «Sara, tua mulher, dar-te-á um filho, a quem hás de chamar Isaac.» (Gn 17,19) O mesmo Deus que pede a Abraão para se confiar totalmente a Ele, revela-Se como a fonte donde provém toda a vida. Desta forma, a fé une-se com a Paternidade de Deus, da qual brota a criação: o Deus que chama Abraão é o Deus criador,

aquele que «chama à existência o que não existe» (Rm 4,17), aquele que, «antes da fundação do mundo, [...] nos predestinou para sermos adotados como seus filhos» (Ef 1, 4-5). No caso de Abraão, a fé em Deus ilumina as raízes mais profundas do seu ser: permite-lhe reconhecer a fonte de bondade que está na origem de todas as coisas, e confirmar que a sua vida não deriva do nada nem do acaso, mas de uma chamada e um amor pessoais. O Deus misterioso que o chamou não é um Deus estranho, mas a origem de tudo e que tudo sustenta. A grande prova da fé de Abraão, o sacrifício do filho Isaac, manifestará até que ponto este amor originador é capaz de garantir a vida mesmo para além da morte. A Palavra que foi capaz de suscitar um filho no seu corpo «á sem vida [...], como sem vida estava o seio» de Sara estéril (Rm 4, 19), também será capaz de garantir a promessa de um futuro para além de qualquer ameaça ou perigo (cf. Heb 11,19; Rm 4,21).

Papa Francisco, *LUMEN FIDEI*

5 - Papa Francisco: Catequese de 18 de junho de 2014

Queridos irmãos e irmãs, bom dia! E parabéns, porque sois corajosos com este tempo, pois não se sabe se chove ou não... Parabéns! Esperemos terminar a audiência sem chuva, que o Senhor tenha piedade de nós!


Hoje começo um ciclo de catequeses sobre a Igreja. É um pouco como um filho que fala da sua mãe, da própria família. Falar da Igreja significa falar da nossa mãe, da nossa família. Com efeito, a Igreja não é uma instituição destinada a si mesma, nem uma associação particular, uma ONG, e também não deve limitar o seu olhar ao clero ou ao Vaticano... «A Igreja pensa». A Igreja somos todos nós! «De quem falas?». «Não dos sacerdotes». Ah, os sacerdotes fazem parte da Igreja, mas a Igreja somos todos nós! Não a limitemos aos presbíteros e bispos, ao Vaticano... Eles fazem parte da Igreja, mas a Igreja somos todos nós, todos família, todos da mãe. E a Igreja é uma realidade muito mais vasta, que se abre a toda a humanidade e não nasce num laboratório; a Igreja não nasceu no laboratório, não nasceu repentinamente. É fundada por Jesus, mas constitui um povo com uma longa história atrás de si e uma preparação que começa muito antes do próprio Cristo.

Esta história, ou “pré-história” da Igreja já se encontra nas páginas do Antigo Testamento. Ouvimos no Livro do Génesis: Deus escolheu *Abraão*, nosso pai na fé, e pediu-lhe que partisse, que deixasse a sua pátria terrena e fosse para uma outra terra, que Ele lhe teria indicado (cf. Gn 12,1-9). E nesta vocação Deus não chama Abraão sozinho, como indivíduo, mas inclui

desde o início a sua família, a sua parentela e todos os que estão ao serviço da sua casa. Uma vez a caminho — sim, assim a Igreja começa a caminhar — Deus ampliará ainda mais o horizonte e cumulará Abraão de bênçãos, prometendo-lhe uma descendência tão numerosa como as estrelas do céu e a areia à beira-mar. O primeiro dado importante é este: começando por Abraão, *Deus forma um povo para que leve a Sua bênção a todas as famílias da terra*. E deste povo nasce Jesus. É Deus que faz este povo, esta história, a Igreja a caminho, e neste povo nasce Jesus.

Um segundo elemento: não é Abraão que constitui um povo ao seu redor, mas é Deus que dá vida a este povo. Em geral era o homem que se dirigia à divindade, procurando anular a distância e invocando apoio e tutela. As pessoas rezavam aos deuses, às divindades. Mas neste caso assiste-se a algo inaudito: *é o próprio Deus que toma a iniciativa*. Ouçamos isto: é o próprio Deus que bate à porta de Abraão, dizendo-lhe: vai em frente, deixa a tua terra, começa a caminhar e de ti farei um grande povo. Este é o início da Igreja e neste povo nasce Jesus. Deus toma a iniciativa e dirige a Sua palavra ao homem, criando um vínculo e uma relação nova com ele. «Mas padre, como é possível? Deus fala-nos?» «Sim» «E nós podemos falar com Deus?» «Sim.» «Podemos manter um diálogo com Deus?» «Sim!». Isto chama-se oração, mas foi Deus que começou. Assim Deus forma um povo com todos os que ouvem a Sua Palavra pondo-se a caminho, confiando n'Ele. Esta é a única condição: confiar em Deus. Se confiares em Deus, se O ouvires e te puseres a caminho, isto quer dizer fazer Igreja. O amor de Deus *precede* tudo. Deus é sempre o primeiro, chega antes de nós, precede-nos. O profeta Isaías, ou Jeremias, não me recordo bem, dizia que Deus é como a flor da amendoeira, porque é a primeira árvore que floresce na primavera. Para dizer que Deus floresce sempre antes de nós. Quando chegarmos, Ele espera por nós, chama-nos, faz-nos caminhar. Antecipa-nos sempre. E isto chama-se amor, porque Deus nos espera sempre. «Mas padre, não acredito nisto, pois se o senhor soubesse, padre, a minha vida não foi muito boa, como posso pensar que Deus espera por mim?» «Deus espera-te. E se foste um grande pecador, espera-te ainda mais e espera-te com muito amor, porque Ele é o primeiro.» Esta é a beleza da Igreja, que nos leva a este Deus que nos espera! Precede Abraão e precede até Adão.

Abraão e os seus ouvem o apelo de Deus e põem-se a caminho, embora não saibam bem quem é este Deus e para onde os quer conduzir. É verdade, porque Abraão se põe a caminho, confiando neste Deus que lhe falou, mas não dispunha de um livro de teologia para estudar quem era aquele Deus. Confia, fia-se do amor. Deus faz-lhe sentir o amor e ele fia-se. Mas



isto não significa que aquele povo seja sempre convicto e fiel. Desde o início existem resistências, o fechamento em si mesmo, nos próprios interesses, e a tentação de negociar com Deus e resolver tudo à própria maneira. E estas são as traições e os pecados que marcam o caminho do povo ao longo de toda a história da salvação, que é *a história da fidelidade de Deus e da infidelidade do povo*. Mas Deus não Se cansa, Deus tem *paciência*, muita paciência, e no tempo continua a educar e a formar o Seu povo como um pai com o seu filho. Diz o profeta Oseias: «Caminhei contigo e ensinei-te a caminhar, como um pai ensina o seu filho.» Como é bonita esta imagem de Deus! Também connosco é assim: Ele ensina-nos a caminhar. É a mesma atitude que Ele mantém em relação à Igreja. Assim também nós, apesar do nosso propósito de seguir o Senhor Jesus, vivemos cada dia a experiência do egoísmo e da dureza do nosso coração. Mas quando nos reconhecemos pecadores, Deus enche-nos de misericórdia e amor. E perdoa-nos sempre. É precisamente isto que nos faz crescer como Povo de Deus, como Igreja: não é a nossa bondade, não são os nossos méritos — somos pequeninos, não é isto —, mas é a experiência diária de que o Senhor nos ama e cuida de nós. É isto que nos faz sentir verdadeiramente Seus, nas Suas mãos, levando-nos a crescer na comunhão com Ele e entre nós. Ser Igreja é sentir-se nas mãos de Deus, que é Pai e nos ama, acaricia, espera e faz sentir a Sua ternura. E isto é muito bonito!

Caros amigos, eis o desígnio de Deus; quando chamou Abraão, pensava nisto: formar um povo abençoado pelo Seu amor, para levar a Sua bênção a todos os povos da terra. Este plano não muda, está sempre em ação. Em Cristo teve o seu cumprimento e ainda hoje Deus continua a realizá-lo na Igreja. Então peçamos a graça de permanecer fiéis ao seguimento do Senhor Jesus e à escuta da Sua Palavra, cada dia prontos para partir, como Abraão, rumo à terra de Deus e do homem, a nossa verdadeira pátria, tornando-nos assim bênção, sinal do amor de Deus por todos os Seus filhos. Gosto de pensar que um sinónimo, outro nome que nós cristãos podemos ter, seria: somos homens e mulheres, pessoas que bendizem. Com a sua vida, o cristão deve bendizer sempre, bendizer Deus e todos. Nós cristãos somos pessoas que bendizem, que sabem bendizer. Trata-se de uma bonita vocação!

PAPA FRANCISCO / AUDIÊNCIA-GERAL - Praça de São Pedro - Quarta-feira, 18 de junho de 2014

Deus fiel,
Fiável,
Sim irrevogável.

Matriz fidedigna,
Maternal amor preveniente,
Permanente,
Paciente.

Palavra primeira e confidente,
Providente,
Eficiente,
A dizer-se sempre
E para sempre dita.

Rochedo firme,
Abrigo seguro,
Alcofa para o nascituro,
Luz no escuro,
Amor forte,
Sem medo da morte e do futuro.

Deus fiel e confidente,
fala,
que o Teu servo escuta atentamente.
Nada do que dizes cairá por terra.

A Tua palavra à minha mesa,
minha habitação,
minha alegria,
minha exultação,
energia do meu coração,
luz que me guia e que me alumia.

A minha luz é reflexa,
a minha palavra é lalação,
de ti decorre,
para ti corre a minha vida,
dita,
dada,
recebida
e oferecida.

D. António Couto

4. EXPOSIÇÃO

Sete quadros célebres, de sete pintores famosos, referentes a sete episódios da vida de Abraão.



1 - VOCAÇÃO DE ABRAÃO

Este quadro de Pieter Lastman encontra-se no Museu Hermitage, em São Petersburgo. Representa a partida de Abraão para Canã, chamado por Deus para fundar um grande povo, como se narra no Livro do Génesis, 12,1-5. Pieter Lastman nasceu em Amsterdão, em 1583, e aí morreu, em 1633. Esteve em Itália onde tomou contacto com a obra de Caravaggio. Teve como aluno Rembrandt. Gostava de pintar sobretudo quadros de temática histórica e bíblica.

A pintura que podemos observar data de 1614 e apresenta as personagens expressamente referidas no texto bíblico. Capta o momento em que Abraão ouve o chamamento divino e se dispõe a partir de Haran, com a família e os seus bens. Ostenta um rico manto vermelho, característico de profetas e patriarcas, e dobra um dos joelhos, em sinal de adoração. As mãos cruzadas sobre o peito e os olhos levantados para o céu mostram-no atento e recetivo às palavras que lhe são dirigidas. Que é já um homem de idade revelam-no a calva acentuada e as barbas brancas. Segundo o relato

bíblico, teria então setenta e cinco anos.

Deus está simbolizado pelos raios que descem do lado esquerdo. Repare-se bem que são três, indicando a Trindade. É esse foco de luz que ilumina o quadro todo e lhe dá sentido. Tudo acontece porque Deus chama. De notar que esse foco estabelece um forte contraste luz-sombra que o pintor pode terá aprendido com Caravaggio e influencia, por certo, o estilo de Rembrandt.

A figura feminina sentada sobre o burro é Sara, mulher de Abraão. É uma mulher bonita, de acordo, aliás, com o relato bíblico, e ainda jovem. Veste rica e elegantemente, como se deduz da qualidade dos tecidos, da pérola que lhe pende da orelha e do vasto chapéu em banda. Estende as mãos e os braços significando que está deslumbrada e surpreendida, talvez até um pouco assustada, com a manifestação de Deus. É um gesto teatral. Um tanto contraditoriamente, o pintor parece fazer dela o centro das atenções. Dispô-la no centro geométrico do quadro e em posição elevada, superior à de todas as outras personagens. Recordemos, no entanto, que Sara desempenha um papel relevante em toda a história. Era estéril e só terá o filho Isaac já em idade muito avançada, manifestando-se nela, assim, o poder de Deus.

A figura masculina, do lado direito do quadro, é Lot, sobrinho de Abraão. Também ele se mostra surpreendido, como se deduz da posição dos braços, dos olhos arregalados e da boca entreaberta. As outras figuras, colocadas em zonas mais escuras e difusas, são os escravos que Abraão levou também consigo.

A profusão de animais e de objetos indicia que Abraão era um homem rico e bem instalado, mas, apesar disso, obedece ao chamamento de Deus e parte. Revela, ao mesmo tempo, o gosto do pintor, de sensibilidade barroca, que aprecia a abundância decorativa.

A iconografia mais abundante de Abraão é, sem dúvida, a que representa o sacrifício de seu filho Isaac, talvez por ser a mais dramática. Esta pintura de Pieter Lastaman é das poucas que tem como tema o chamamento de Abraão.



2 - ABRAÃO, SARA E AGAR

Um dos episódios da vida de Abraão que revela a sua fé extraordinária é o da gravidez da sua mulher. A esterilidade de Sara e a avançada idade do patriarca pareciam anular a promessa de Deus de que lhes daria uma descendência mais numerosa do que as estrelas do céu. Sara procurou resolver a situação, propondo ao marido que dormisse com a escrava egípcia Agar. O filho que daí nascesse seria, legalmente, de Sara. Ficaria, deste modo, assegurada a descendência. O episódio encontra-se narrado no Livro do Génesis, cap.16.

Neste quadro, vemos Sara conduzindo Agar ao leito de Abraão. É obra de Matthias Stom, um dos mais importantes pintores holandeses do século XVII. Nascido em Amersfoort, cerca de 1600, estudou pintura em Utreque. Esteve em Roma, de 1630 a 1633, onde aprendeu o estilo de Caravaggio através de Gerrit van Honthort. Viveu em Nápoles, entre 1633 e 1637, fixando-se depois na Sicília. Aí morreu em data posterior a 1650.

Consideramos o quadro de excepcional qualidade, sobretudo pela expressão de sentimentos das personagens. As rugas de Sara indicam a sua idade. Tem o cabelo tapado, sinal de que é casada. O gesto de amparar o braço de Agar indica que a oferece a Abraão. A mão esquerda confirma-o.

O leve sorriso dá a entender que não se sente feliz com o expediente. É um sorriso triste e resignado, como se dissesse ao marido que é a única coisa que pode fazer para terem um filho.

Abraão, com ar de cansaço, tem o braço direito descaído. O gesto indica desinteresse, opondo-se aos gestos de Sara e de Agar. A sua mão esquerda parece responder, simetricamente, à mão esquerda da mulher, como se perguntasse: «Que vem a ser isto?» Não parece feliz com a ideia. Revela espanto, perplexidade. Aliás, ninguém parece contente! Nem Sara nem Agar fitam Abraão, como se estivessem envergonhadas. Não sabemos se o olhar do patriarca se dirige à mulher ou à escrava. Talvez a ambas, alternadamente.

A boca entreaberta de Agar, levemente crispada, revela medo e nervosismo, confirmados pela maneira como aperta o manto contra o ventre. Não se oferece. É levada. A perna esquerda aproxima-se já de Abraão. O seio destapado e o corpo cheio significam beleza, saúde, fertilidade. O cabelo descoberto, os brincos, o arco de pérolas com uma pedra preciosa, joias provavelmente de Sara, são estratégias de sedução, preparadas não pela escrava, mas pela senhora.

Repare-se na taça de vinho, ao centro. Era considerado afrodisíaco. Não será por acaso que se encontra por baixo da lâmpada. Ele acende o desejo.

Julgamos ainda ver no quadro uma estrutura de triângulo invertido. São três personagens. As femininas formam um dos lados do triângulo. Abraão, o outro. Na zona do vértice encontram-se as mãos. A base do triângulo, formada pela linha das cabeças, é cortada ao meio pela lâmpada acesa, também ela com três correntes. Estamos perante um triângulo amoroso. O que está na cabeça das personagens é o projeto humano, demasiado humano, de gerar um filho daquela maneira. O plano de Deus, porém, era outro, muito mais extraordinário e muito mais exigente do ponto de vista da fé.



3 - AGAR DEIXA A CASA DE ABRAÃO

Segundo o relato bíblico (Gn 16), Agar, depois de engravidar de Abraão, começou a olhar Sara, a sua senhora, com sobrançeria. Como reação, esta passou a tratá-la com tanta rispidez que se viu obrigada a fugir para o deserto. Um anjo, porém, mandou-lhe que regressasse e fosse obediente à sua senhora. Mais tarde (Gn 21,8-20), Sara, já nascido o seu filho Isaac, volta a exigir que a escrava e o filho Ismael sejam expulsos de casa para não poderem herdar.

São estes dois episódios que vemos retratados. O primeiro, num quadro de Rubens.

No quadro de Rubens é de notar a surpreendente posição secundária de Abraão. Embora no meio das duas mulheres, como que dividido entre elas (Sara do lado direito porque é a mulher legítima), foi colocado pelo pintor lá atrás, na soleira da porta. Isto interpreta com rigor o relato bíblico. É que Abraão, perante a queixa de Sara, responde que a escrava é dela e, portanto, que faça o que bem entender. Vê-se que quem expulsa Agar, grávida, já com a trouxa de viagem no braço esquerdo, não é Abraão, mas Sara. O gesto de expulsão está bem patente na mão direita, que aponta para longe. Mais expressiva ainda é a colocação, na cintura, da mão esquerda, cerrada.

Exprime cólera, decisão inabalável. Esse estado de alma é reforçado pelos olhos fixos, abertos, e os lábios que proferem a ordem de expulsão.

Por seu lado, Agar não baixa os olhos, como seria de esperar. Fita de lado a patroa, não Abraão, em tom de desafio. Sabe que é ela quem a expulsa. É um conflito entre mulheres. Os lábios parecem desenhar um sorriso escarninho de desprezo, que bem poderá ser a causa da expressão ríspida de Abraão. Está vencida, mas não convencida.

De notar ainda o pormenor realista do cão, rosnando à escrava, acompanhando e intensificando a hostilidade da dona. É um *cocker spaniel*. Recorde-se que, no tempo de Rubens, os Países Baixos se encontravam sob domínio espanhol.

Luís Silva Pereira, *in Voz de Esperança*, jan-fev 2013



4 - ABRAÃO E OS TRÊS ANJOS

O quadro que hoje apresentamos é de Gerbrand van den Eeckhout (Amesterdão, 1621-1674). Foi aluno de Rembrandt e aprecia, portanto, o claro-escuro e o pormenor realista, como é próprio dos barrocos. Tem como tema o anúncio da gravidez de Sara, relatado no Livro do Gênesis 18,1-16.

Vários pormenores revelam que o pintor segue com fidelidade a narrativa bíblica. Logo no versículo 1, diz o texto que Javé apareceu a Abraão no carvalho de Mambré, «no maior calor do dia.» O pintor não esquece esse pormenor, representando a árvore frondosa e a sombra que projeta no chão.

«Tendo levantado os olhos, eis que viu três homens de pé.» Os exegetas veem neles ora uma prefiguração da Trindade, ora Deus Pai e dois anjos, ora simplesmente três anjos. Gerbrand van den Eeckhout segue, obviamente, esta última interpretação.

Os anjos têm um rosto juvenilíssimo, quase infantil. Estão com calor, descalços, arregaçando os mantos até aos joelhos. No chão, vê-se uma bacia e uma toalha. Recordam que Abraão ofereceu aos visitantes um pouco de água para lavarem os pés, uma regra de boa hospitalidade e sinal de deferência.

A refeição que tomaram foi pão, carne de vitela, coalhada e leite. O anjo à nossa direita ainda tem um prato na frente. Um dos objetos em cima da mesa, ricamente trabalhado, será uma leiteira, junto da qual se vê um pouco de pão e copos de vidro.

Os animais e os servos, ao fundo, não constam do episódio, mas Abraão era um homem próspero, sinal, aliás, da benevolência de Deus, segundo a mentalidade do tempo. A construção junto da qual a cena se desenrola não corresponde à tenda em que vivia. É do tempo do pintor, como as que se vislumbram ao fundo.

Vestido de branco, indiciando a sua natureza celeste, o anjo é a figura central. É o único que tem as asas levantadas. Fala com Abraão, que se mantém de pé, em sinal de respeito. O turbante na cabeça diz-nos que vive no Médio Oriente. A cor vermelha da túnica significa, para além de riqueza, que, em certo sentido, ele é um rei, de quem descenderá uma nação grande e poderosa (v. 18), uma geração de reis que culminará em Jesus Cristo. Da cintura pende uma espécie de alfange. Abraão é também chefe militar, como se conta no mesmo Génesis 14,12-16. A espada é, aliás, um dos seus atributos. À entrada da porta, a presença de um pavão reforça essa ideia de riqueza e de realeza, mas pode também significar imortalidade. Para além de os anjos serem imortais, da descendência de Abraão surgirá um rei eterno, Jesus Cristo, que Abraão prefigura. Repare-se que o pavão olha precisamente para Abraão e para os anjos.

O tema da conversa só pode ser a gravidez de Sara. Segundo o relato bíblico, é esse o assunto de que falam. O anjo anuncia que ela vai ser mãe. Como reação, Abraão coloca a mão esquerda sobre o peito significando que recebe a notícia com prazer, mas a direita exprime a objeção óbvia: a idade avançada quer de Sara quer dele. O anjo, porém, virando para baixo a mão direita, tranquiliza-o e dá-lhe a certeza de que a sua promessa será cumprida.

Sara, discretamente, na soleira da porta, como era costume quando a conversa se desenrolava entre homens, ouve. O texto bíblico diz que se riu interiormente. Foi um riso de incredulidade, porque o anjo, lendo-lhe o pensamento, a repreende. Quer dizer que a fé de Sara vacilou. Abraão acredita, mas, naturalmente, coloca objeções. É o que significa o gesto da sua mão direita. Algumas iconografias mostram Sara a rir-se. Gerbrand van den Eeckhout, contudo, percebeu que o importante não é o riso de Sara, mas a mensagem do anjo e fé de Abraão. Por isso os colocou no centro do quadro.



5 - ABRAÃO EXPULSA AGAR E ISMAEL

Segundo o relato bíblico (Gn 16), Agar, depois de engravidar de Abraão, começou a olhar Sara, a sua senhora, com sobrançeria. Como reação, esta passou a tratá-la com tanta rispidez que se viu obrigada a fugir para o deserto. Um anjo, porém, mandou-lhe que regressasse e fosse obediente à sua senhora. Mais tarde (Gn 21,8-20), Sara, já nascido o seu filho Isaac, volta a exigir que a escrava e o filho Ismael sejam expulsos de casa para não poderem herdar.

O quadro de Guercino (que significa zoroalho), alcunha de Giovanni Francesco Bachieri, capta a segunda e definitiva expulsão de Agar. Aqui já é o próprio Abraão, novamente entre as duas mulheres, quem decide, rosto fechado, firme como a coluna atrás dele. A mão direita impõe a partida. A esquerda faz o gesto de quem não admite as objeções de Agar, que parece exprimir um sentimento de injustiça e perguntar «porquê?». O saco pendurado do ombro direito indica que ela vai mesmo embora. A mão direita colocada no filho Ismael como que pretende protegê-lo da ríspida ordem de expulsão. Ele é a maior objeção da mãe. O lenço na mão esquerda servirá para enxugar as próprias lágrimas e as do filho. Sabemos que ele chora porque limpa os olhos com as mãos.

Pormenor grandemente expressivo, o pintor coloca Sara de costas. Indica uma rutura definitiva com a escrava. Abraão expulsa-a, mas é ela quem está por detrás da decisão. Ainda olha de lado para confirmar que o marido lhe faz a vontade.

Segundo se diz, Ismael seria o pai do povo árabe. Por isso os árabes foram chamados de ismaelitas e também agarenos (da escrava Agar).

Luís Silva Pereira, *in Voz de Esperança*, jan-fev 2013



6 - SACRIFÍCIO DE ISAAC

A mais terrível provação a que a fé de um homem poderia ser submetida é aquela que foi pedida a Abraão, quando Deus lhe ordenou que sacrificasse Isaac, o próprio filho. Como é possível que Deus lhe tenha pedido semelhante coisa, depois das promessas que lhe fez e depois da gravidez miraculosa de Sara? Aos olhos humanos é uma exigência crudelíssima, imprópria de Deus. Qualquer um de nós perguntaria que Deus é este que me pede tal coisa e interrogar-se-ia se não teria tido uma alucinação. E, no entanto, Abraão não vacilou, como conta a Bíblia (Gn 22,1-19). Muito provavelmente, ele terá achado tal exigência aceitável uma vez que era natural de uma cidade, Ur, e de uma região, a Mesopotâmia, onde se praticavam sacrifícios humanos.

O quadro que temos diante dos olhos é de Caravaggio, um dos mais originais artistas da História da Pintura. São-lhe atribuídas duas obras sobre este tema. Acabei por escolher esta porque me parece a que melhor interpreta o sentido do episódio bíblico. O pintor capta o exato momento em que o anjo enviado do céu, como diz expressamente a Bíblia, segura, com o seu braço direito, o braço direito de Abraão, impedindo-o de consumir o sacrifício. Os artistas barrocos gostam de captar estes momentos de mutação súbita. Repare-se que o foco de luz, proveniente do alto, que incide

sobre a cena, do nosso lado esquerdo, indica que o anjo é um mensageiro divino. A calvície do patriarca e as suas longas barbas brancas caracterizam a sua idade propecta.

Abraão exhibe um ar sereno, decidido, o ar de quem cumpre, sem hesitação, uma ordem. A firmeza com que empunha a faca acentua a sua determinação. Pelo contrário, Isaac é pintado com um esgar de terror. O texto bíblico nada diz sobre as reações dele. Estamos, portanto, diante de uma interpretação de Caravaggio, perfeitamente verosímil. Não conheço nenhuma outra iconografia em que Isaac demonstre tal sentimento.

Mas o que também chama imediatamente a nossa atenção é a linha oblíqua que vai do anjo ao cordeiro, no lado direito da pintura. Parece que todo o quadro se orienta para ali. O próprio anjo aponta o cordeiro ou, mais propriamente, o carneiro, dado o tamanho dos cornos, com o indicador da sua mão esquerda.

Talvez ainda mais importante para a compreensão do sentido deste dramático episódio, é o pormenor da colocação da cabeça do carneiro, ao lado e ainda um pouco por cima da cabeça de Isaac. Caravaggio conhece perfeitamente o riquíssimo valor simbólico do carneiro. Sabe, perfeitamente, que ele é uma prefiguração do Cordeiro de Deus que um dia morrerá às mãos dos homens. Afinal, Deus não quer sacrifícios humanos. Este episódio é uma rutura total com as tradições religiosas e culturais da época e da terra de Abraão. É uma extraordinária profecia do sacrifício de Jesus Cristo.

Luis Silva Pereira, *in Voz de Esperança*, maio-jun 2013



7 - ABRAÃO E ISAAC

Escolhi, para rematar este ciclo de apontamentos iconográficos sobre a fé de Abraão, um quadro de Jan Lievens, importante pintor flamengo (Leiden, 1607 - Amsterdão, 1674). Foi amigo de Rembrandt, com quem partilhou o estilo e, de 1626 a 1631, um estúdio de pintura. A sua fama levou-o a trabalhar em Londres e em Antuérpia. Notam-se também nele influências de Caravaggio.

O quadro que podemos observar parece-me muito original. É o único, dos que conheço, que capta os momentos seguintes a o enviado do céu ter impedido Abraão de consumir o sacrifício do filho Isaac. O texto bíblico (Gn 22,1-19) nada diz sobre isso. Refere as interrogações de Isaac quando se dirigia, com o pai, para o lugar do sacrifício, mas nada diz sobre os sentimentos quer do patriarca, quer do filho, passada a terrível provação. De modo que este quadro é uma interpretação pessoal, muito verosímil, aliás, das emoções que se apoderaram das duas personagens, logo após a interrupção do terrível projeto do sacrifício humano.

De joelhos, Abraão e o filho abraçam-se ternamente. Abraão como que protege Isaac da ameaça que sobre ele ainda há poucos instantes impendia. Recupera um filho que estivera à beira de perder. O filho, por seu lado, ainda assustado, agarra-se ao pai como sua segurança, a sua tábua de salvação.

Ambos olham para o alto, para alguém que estará do nosso lado esquerdo, mas não se vê. Seria o anjo. O olhar de Isaac não é de felicidade. Não ri de contentamento. Nem sequer sorri. Dá-nos a ideia de estar ainda em pânico, de ainda não acreditar bem no que lhe aconteceu. É um olhar de medo, olhar de quem acaba de escapar a um perigo extremo e se encontra agora seguro nos braços paternos.

Por seu lado, o rosto de Abraão, olhos esbugalhados e boca entreaberta, parece espelhar o assombro de quem, subitamente, vê dissipar-se o imenso pesadelo da perda do filho e experimenta um sentimento de profunda gratidão por ter sido poupado, *in extremis*, àquela dor lancinante. Este é o núcleo significativo do quadro.

Os restantes elementos reconstituem o desenlace do episódio. Do nosso lado esquerdo, vê-se o cordeiro já degolado, com a cabeça num charco de sangue. É ele que vai substituir o menino. Ao lado, tombada no chão, a faca manchada de sangue, cuja bainha se encontra na cintura de Abraão. Um pouco mais acima, sobre o altar de pedras, arde já a lenha onde o animal será consumido.

A pele tisonada e o rosto magro de Abraão, bem como as longas barbas brancas, a calva e as cãs desalinhadas indicam idade provectora. Pelo contrário, o rosto cheio de Isaac e a sua cor clara, bem como a abundante cabeleira, indicam a sua tenra idade. A escassa roupa que enverga faz supor que estivera nu sobre o altar, prestes a ser sacrificado.

Não deixa de ser curioso o facto de Abraão se apresentar descalço. Significa que, para ele, aquele era um lugar sagrado, um lugar onde Deus se manifestou, pedindo uma prova de fé e impedindo o sacrifício humano, cortando, assim, radicalmente, com uma tradição religiosa e uma desumana conceção de Deus. Deus não quer sacrifícios humanos, não quer violência. Ele é que, simbólica e profeticamente, através do sacrifício do cordeiro, se anuncia como vítima futura da violência humana.

5. PROPOSTAS DE ATIVIDADES

1 - VIGÍLIA DE PROMESSAS - PROMESSA DE ABRAÃO

ATIVIDADE

Vigília de Promessas.

NÍVEL

Agrupamento.

PÚBLICO-ALVO

Agrupamento.

NÚMERO DE PARTICIPANTES (min/max)

Agrupamento.

DESCRIÇÃO / CONTEÚDOS

A vigília de promessas do agrupamento divide-se em quatro vigílias separadas, uma por cada secção, que se unem no final, tendo como fio condutor a figura de Abraão. Esse momento final decorre num local comum onde deverá estar uma tenda e um carvalho.

LOBITOS

Para a vigília da I Secção, propor aos Lobitos que desenvolvam o jogo das máximas, levando-os a refletir no que podem ou não ter e nas razões dessas escolhas. No final, levar um sol para a vigília comum.

EXPLORADORES

Na vigília da II Secção desafiar os Exploradores para um raide escuro-luz, de modo a desenvolverem a sua confiança, quer neles próprios, quer na patrulha, quer nos Dirigentes.

Desenvolver a dinâmica de ver o futuro a andar de costas (caminhar para trás). No final deste momento, falar da importância que tem a figura do Guia. Para a vigília comum devem levar uma vara como símbolo do caminho, da viagem.

PIONEIROS

Para a vigília da III Secção, propor aos Pioneiros um jogo de colaboração, onde a participação de cada um se torna importante para chegar à solução de uma determinada situação. Esse jogo pode ser um quebra-cabeças em que se tenha de juntar várias partes. É importante que cada um tenha a noção que juntos podem ser mais fortes e, no final, levarão para a vigília comum uma pedra como símbolo dessa união – a pedra angular.

CAMINHEIROS

Na vigília da IV Secção, propor aos Caminheiros trabalharem alguns textos em que Abraão procura corromper, transgredir o que lhe foi dito. Olhar para a sua atitude como uma forma de se libertar. Assim, cada Caminheiro deve levar a sua mochila onde guardou o que considera que o amarra e do qual sente necessidade de se libertar. Fazer a partilha com o Clã. No final, levar para a vigília comum uma mochila como sinal de liberdade, de desprendimento.

DIRIGENTES

Os Dirigentes, na companhia do assistente e chefe de agrupamento, permanecem junto da tenda, no seu exterior, fazendo uma análise da passagem bíblica que se refere ao sacrifício de Isaac (Gn 22), chegando à conclusão que a sua principal missão é o serviço, que exige sacrifício.

No momento final, ou seja, na vigília comum, é feita a bênção das insígnias e o assistente ou chefe de agrupamento, caracterizado de Abraão, faz uma breve conclusão onde lança a questão: «Ele foi. E tu?»

SECÇÃO	TEMA	SÍMBOLO
Lobitos	Haver / A-Ver	Sol
Exploradores	A Viagem	Vara
Pioneiros	Aliança / Triângulo / Construção	Pedra
Caminheiros	Viagem Interior / Vai para ti	Mochila
Dirigentes	Sacrifício	Fogo

TEMPO (oportunidade/duração)

Variável, as de secção e a comum, no máximo 45 min.

ESPAÇO

À escolha e depois um espaço comum (tenda de Abraão com carvalho).

RECURSOS

Vara, pedra, mochila, material de fogueira ou fogo, "sol" (desenhado ou de outra forma), tenda, carvalho, textos sobre Abraão (Bíblia), insígnias (lenços, boinas, chapéus).

Alguém caracterizado de Abraão que conclua (chefe de agrupamento/ assistente).

2 - LEK-LEKA - SUBIDA A UM MONTE

ATIVIDADE

Hike.

NÍVEL

Agrupamento / Núcleo.

PÚBLICO-ALVO

Caminheiros.

NÚMERO DE PARTICIPANTES (min/max)

Cerca de 30.

DESCRIÇÃO / CONTEÚDOS

Esta atividade divide-se em três momentos principais, focando-se cada um deles numa dimensão: eu, os outros e Deus. A primeira parte do caminho, feito individualmente, foca-se no “eu” como “O Eleito”. No segundo momento, os elementos da tribo encontram-se e, aqui, surge a dimensão do outro (momento intitulado como “Os Outros”). Por último, pressupõe-se o encontro com Deus na Eucaristia.

Durante a semana, cada Caminheiro recebe uma carta inicial onde deve estar indicado qual o sítio de início da atividade, que será diferente para cada um. Nessa carta segue também a indicação de que devem levar para a atividade um objeto escutista que seja muito importante para eles.

Depois da chegada ao local indicado, cada Caminheiro lê a mensagem que lhe foi deixada. Esta terá como base a passagem bíblica em que Deus elege Abraão, bem como o local para onde terão de seguir (ponto de encontro da tribo). Em seguida, cada Caminheiro é chamado a fazer uma breve reflexão sobre o que tem de deixar para trás e de que forma Deus enche de Bem a sua vida. No final, cada Caminheiro escreve no pedaço de tecido que lhe foi deixado as suas graças.

Chegados ao local de encontro da sua tribo, leem a mensagem que lhes foi deixada. A cada Caminheiro é pedido que revele o objeto escutista que escolheu e que, no final, os juntem todos numa caixa. Esta deve ser enterrada no sítio indicado na mensagem.

Ao longo do restante percurso, cada tribo deve recolher um tronco com medidas específicas e deverá gravar no mesmo o seu compromisso de tribo. Esse tronco será utilizado para, posteriormente, construírem uma mesa que servirá de altar para a Eucaristia. Durante o percurso, cada tribo deverá também coser os pedaços de tecido de cada elemento.

No final do percurso, estando as tribos todas juntas, constrói-se a mesa, que será o altar, com os troncos recolhidos a fazerem de pés e juntam-se todos os tecidos de modo a formar uma toalha. Esta será utilizada para colocar no altar. Dá-se então início à Eucaristia, para a qual o Dirigente deverá levar a caixa anteriormente enterrada. No final devolvem-se os objetos a uma pessoa diferente, como simbologia do sacrifício de Isaac.

Palavras-Chave: Reflexão, despojamento, partilha, oração.

TEMPO (oportunidade/duração)

1 Dia / noite.

ESPAÇO

Monte.

RECURSOS

Carta inicial, objeto escutista (individual), tecido, canetas / marcadores, caixa, agulhas, linha, tronco (por tribo, recolhido durante um percurso), canivete, tampo (altar).

3 - NAS PEGADAS DE ABRAÃO - APRESENTAÇÃO DE ABRAÃO

ATIVIDADE

Atividade de início do Ano Escutista.

NÍVEL

Núcleo / Região.

PÚBLICO-ALVO

As quatro secções.

Número de participantes (min/max)

500 a 1000.

DESCRIÇÃO / CONTEÚDOS

LOBITOS

O jogo consiste em cada elemento construir uma estrela de 6 pontas, em que cada uma dessas pontas representa uma área de desenvolvimento (Físico, Afetivo, Carácter, Espiritual, Intelectual e Social). Assim, cada elemento pode lembrar-se que deverá desenvolver-se um pouco mais em cada uma das áreas indicadas ao longo do seu percurso escutista, transmitindo a ideia que cada um é uma estrela única, pois nem todos têm o mesmo desenvolvimento.

Inicialmente, cada Alcateia dispõe apenas de um conjunto de pontas de uma só área. Para conseguir as pontas das outras áreas tem de ir ao encontro das Alcateias que as tenham e, assim, cria-se um

ambiente de interação e amizade entre as diversas Alcateias. O jogo termina quando todos os elementos de cada Alcateia tenham as 6 pontas diferentes para construir a sua estrela.

EXPLORADORES

Para os Exploradores pretende-se que desenvolvam atividades concretas que exijam a confiança nos outros, para que consigam entender melhor a história do sacrifício de Isaac pela confiança completa em Deus.

Assim, propõe-se a cada patrulha a realização de um jogo de cidade. Em cada posto terão jogos de confiança, jogos em que têm de tomar opções e jogos de obstáculos.

Para esta atividade, cada Explorador deve também fazer-se acompanhar do seu brinquedo / objeto preferido. Depois, num determinado momento, é-lhe proposto que o ofereça a quem mais precisa. Após a proposta ser aceite, é-lhes dito que outros brinquedos serão oferecidos em vez dos deles. Por momentos, cada Explorador sentirá o que é dar algo que mais gosta a outra pessoa com mais necessidades.

PIONEIROS

Nesta atividade, os Pioneiros são chamados a partilharem os seus dons com os outros. Num raide pela cidade, cada equipa é membro de um povo de Abraão, partilhando e trocando os seus dons com a população. Em cada posto têm uma tarefa em prol da população, como: cantar uma música num lar, pintar uma parede na sede dos bombeiros, ajudar os jardineiros num jardim público, entre outros.

CAMINHEIROS

Aos Caminheiros é-lhes proposto que sejam bênção, que mostrem a sua vocação no serviço aos outros, à comunidade. Pois os Caminheiros são eleitos tal como Abraão, foram escolhidos e enviados aos outros. Então, cada tribo poderá escolher uma tarefa, por exemplo: dar abraços, conversar com pessoas, haver alguém que os provoca contando histórias, entre outras. Assim, fazem um *hike* fotográfico com as pessoas que vão tocando e conhecendo na execução de cada tarefa escolhida.

Valores de Abraão a trabalhar:

LOBITOS

Amizade

Somos todos irmãos, descendência de Abraão numerosa como as estrelas do céu, fraternidade.

EXPLORADORES

Confiança

Em Deus, nos chefes, nas outras pessoas.

PIONEIROS

Partilha

De dons, de quem somos.

CAMINHEIROS

Ser Bênção

Vocação.

TEMPO (oportunidade/duração)

1 Dia.

ESPAÇO

Vila / Cidade.

RECURSOS

Brinquedo / objeto preferido (Exploradores – individual), máquina fotográfica (Caminheiros).

4 - CAMINHAR COM ABRAÃO - TOMAR, IR E FAZER SUBIR

ATIVIDADE

Dinâmica Anual da Junta Regional.

NÍVEL

Regional.

PÚBLICO-ALVO

Lobitos e Exploradores.

NÚMERO DE PARTICIPANTES (min/max)

Cerca de 3000 Lobitos e Exploradores.

DESCRIÇÃO / CONTEÚDOS

Adequar o tema ao ano litúrgico uma vez que o ano escutista quase coincide com este, ficando assim preenchido todo o ano litúrgico com atividades escutistas. Deste modo, definem três momentos principais:

TOMAR (Acolher) – Advento

IR (Conduzir, Caminhar) – Quaresma

FAZER SUBIR (Libertação) – Páscoa

No início do ano escutista e durante o período de setembro / outubro até ao Advento, os agrupamentos devem iniciar a preparação do ano escutista lançando o mote: «Quem foi Abraão?» e «Caminhada de Abraão». Para trabalhar estes temas propõem-se duas dinâmicas, as quais se destinam a Lobitos e Exploradores, para que conheçam melhor a figura de Abraão.

Aos Lobitos, sob o subtema «Eu sou descendente de...», pedir que façam uma pesquisa das suas raízes familiares, do seu percurso na fé e também no Escutismo, fazendo assim um álbum individual de cada um. Aos Exploradores, solicitar que façam um decalque num mapa físico sobre os países que Abraão percorreu e fazer a ligação para a atualidade, criando assim a ligação com a disciplina de Geografia, que nestas idades aparece pela primeira vez no currículo escolar. Pedir também que

façam uma pesquisa sobre os usos e costumes do povo de Abraão. Surge então o período do Advento, intitulado «Como Abraão, devemos receber para dar». Ao longo deste tempo criar, semanalmente, um espaço em que cada escuteiro leve para a reunião um papel escrito com aquilo que Deus lhe deu durante essa semana e depositá-lo num baú. No fim do advento, abrir esse baú e expor num placar todos os papeli-nhos. Seguidamente fazer uma reflexão de todas as dádivas de Deus a cada um, para que depois proponham uma atividade onde possam ser eles a dar aos outros algumas dessas dádivas também.

Chegada a Quaresma, sob o título «Como Abraão, devemos estar preparados para caminhar», convidar cada elemento a criar um momento em que todos devem levar a sua mochila preparada para caminhar», Antes de dar início à caminhada, convidar cada um a fazer uma reflexão sobre todo o material que realmente é necessário e colocar o restante, o que se considera ser menos importante, fora da mochila e, assim, poderão verificar o quanto ficaram mais leves. Num momento seguinte, fazer a mesma dinâmica com o baú, onde cada um escreve num papel o que, à semelhança dos bens materiais, também pode despojar espiritualmente. Posteriormente, retiram-se todos os papéis do baú e faz-se uma reflexão sobre o que cada um escreveu.

Finda a Quaresma, dá-se início ao Tempo Pascal para o qual se colocam duas questões: «Para onde é que eu quero ir? Qual é o ponto alto da minha vida?» Neste tempo litúrgico tão rico em festividades eucarísticas para estas idades, aproveitar este facto e relacionar as festas da vida cristã com a subida escutista, de cada um. Para terminar o ano escutista realizar uma cerimónia onde os escuteiros possam receber as insígnias de progresso, fazendo assim a ligação entre a sua caminhada na fé e o seu progresso escutista.

TEMPO (oportunidade/duração)

Dinâmica Anual.

ESPAÇO

Não aplicável.

RECURSOS

Mapa, papel vegetal, lápis de carvão ou canetas, baú, papel branco, placar, mochila (com o material necessário para uma caminhada), insígnias de progresso.

5 - LEK-LEKA - VAI PARA TI

ATIVIDADE

Proposta para Dirigentes.

NÍVEL

Agrupamento.

PÚBLICO-ALVO

Dirigentes e Animadores.

NÚMERO DE PARTICIPANTES (min/max)

Mínimo 8.

DESCRIÇÃO / CONTEÚDOS

Indaba de Agrupamento, visando a avaliação do passado e a projeção do futuro. Essa atividade consiste num percurso realizado do individual para o coletivo. Em cada ponto o(s) participante(s) terão indicações para o ponto seguinte, bem como a descrição do desafio. Cada ponto inicia-se com a leitura de uma passagem bíblica, seguindo-se o desafio e finalmente a “estaca”.

PERCURSO ATÉ CANÁ: Ur (casa)/ Deixa a tua casa

O percurso é iniciado individualmente até ao P1. Cada participante recebe, previamente, uma carta no correio com as primeiras informações: Passagem Bíblia (Gn 12,1), Chamamento e Coordenas para o P1.

BABILÓNIA (P1): Eu / Abraão pôs-se a caminho com Lot

Chegados ao P1, cada participante é convidado a fazer uma introspeção sobre a relação Eu - Outros - Deus, introduzida pela passagem bíblica Gn 12,4. Simultaneamente, pretende-se que cada adulto possa refletir sobre o seu percurso individual ao longo do ano.

No final deste ponto, o adulto recebe a estaca da “autoavaliação”, tendo de ser algo prático para transportar. Recebe também as coordenadas para continuar o seu percurso até ao P2.

HARÃ (P2): Patrulha / Início do caminhar juntos

Neste ponto, cada participante encontra-se com os restantes elementos da sua Patrulha. Ao lerem a carta introduzida pela passagem Gn 12,5 são convidados a efetuar uma avaliação da ação da Unidade de um ponto de vista geral, tanto ao nível pedagógico como ao nível da gestão (2.ª estaca).

DAMASCO (P3): Não devem existir desentendimentos

Neste ponto, a Patrulha recebe a carta com a passagem bíblica Gn 13,8 e são chamados a fazer uma avaliação da ação do Agrupamento ao longo do ano (3.ª estaca).

TIRO (P4): Desconfiança

No presente ponto, a Patrulha recebe a carta introduzida pela passagem bíblica Gn 12,10-20, sendo convidada a fazer uma avaliação da ação da comunidade ao longo do ano (4.ª estaca).

MONTE DE MORIÁ (P5)

É aqui que todas as Patrulhas se encontram. Neste ponto tem-se por base a passagem bíblica Gn 22,1-10 e são propostos dois momentos chave, considerando que as Patrulhas permanecem neste local em regime de acampamento. Esses dois momentos são:

- Fogo de Conselho, em que se pretende fazer a passagem do “oriente para o ocidente”, ou seja, fazer a transição entre o passado e o futuro. Pretende-se que os participantes possam ir colocando as estacas na fogueira e em simultâneo partilhar e ir caminhando para trás. Olhar para trás para caminhar para o futuro;
- Projeção do próximo ano (2.º dia).

EGITO (P6)

Participação na Eucaristia, se possível com a comunidade.

CANÃ (P7)

Neste momento é feito o encerramento da atividade, concluindo com a passagem bíblica Gn 22,11-19. É importante que neste momento os participantes se comprometam com o que se propuseram fazer, estabelecendo uma Aliança entre eles.

NOTA: P2, P3 e P4 dizem respeito à avaliação em Patrulha.

TEMPO (oportunidade/duração)

Setembro, fim de semana

ESPAÇO

Ar livre.

RECURSOS

Livro do Génesis, cartas de apoio, estacas, bússola, material de campo.

6. RECURSOS

LIVROS



Brandt, S., & Nommensen, K.-U. (2013)

Abraão e Sara

Porto: Edições Salesianas.



Feiler, B. (2007)

Abraão - O Pai das Três Religiões

Parede: Ministério dos Livros.



Buckenmaier, A. (2010)

Abraão - O Pai dos Crentes

Lisboa: Paulus.



Couto, A. (2013)

O Livro do Génesis

Matosinhos: Letras&Coisas.

FILMES



Fubu Editores, S. [Realizador] (2005)

Abraão - O Grande Patriarca



Minoli, L. [Produtor], & Sargent, J. [Realizador] (2004)

Abraão - O Primeiro Patriarca

EXPOSIÇÕES



Corpo Nacional de Escutas (2014)

**Sete quadros célebres, de sete pintores famosos,
referentes a sete episódios da vida de Abraão**

www.cne-escutismo.pt/recursos

Índice

1. INTRODUÇÃO	3
2. ENQUADRAMENTO BÍBLICO-TEOLÓGICO	5
3. SUBSÍDIOS - ALGUNS TEXTOS DO PAPA	15
4. EXPOSIÇÃO	30
5. PROPOSTAS DE ATIVIDADES	45
6. RECURSOS	57

A fé leva Abraão a percorrer um caminho paradoxal. Ele será abençoado, mas sem os sinais visíveis da bênção: recebe a promessa de se tornar um grande povo, mas com uma vida marcada pela esterilidade da sua esposa Sara; é levado para uma nova pátria, mas nela deverá viver como estrangeiro; e a única posse da terra que se lhe permitirá será a de um lote de terreno para ali sepultar Sara (cf. Gn 23, 1-20). Abraão é abençoado porque, na fé, sabe discernir a bênção divina, indo além das aparências, confiando na presença de Deus até quando os Seus caminhos lhe parecem misteriosos.

O que significa isto para nós? Quando afirmamos: «Creio em Deus», nós dizemos como Abraão: «Confio em Ti; confio-me a Ti, ó Senhor!», mas não como a alguém, ao qual recorrer apenas nos momentos de dificuldade, ou a quem dedicar alguns momentos do dia ou da semana. Dizer «Creio em Deus» significa fundar sobre Ele a minha própria vida, deixar que a Sua Palavra a oriente todos os dias, nas escolhas concretas, sem medo de perder algo de mim mesmo.

PAPA BENTO XVI, 23 de Janeiro de 2013